

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

AMANDA DE PAOLA

QUE HISTÓRIAS NOS CONTAM OS CONTADORES DE HISTÓRIAS E
PROFESSORAS SOBRE SUA FORMAÇÃO, SUAS PRÁTICAS, A LEITURA E
AS NOVAS TECNOLOGIAS NA INFÂNCIA?

CAMPINAS
2013

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

AMANDA DE PAOLA

QUE HISTÓRIAS NOS CONTAM OS CONTADORES DE HISTÓRIAS E
PROFESSORAS SOBRE SUA FORMAÇÃO, SUAS PRÁTICAS, A LEITURA E
AS NOVAS TECNOLOGIAS NA INFÂNCIA?

Monografia apresentada à Faculdade de
Educação da UNICAMP, para obtenção do
título de licenciatura em Pedagogia, sob a
orientação da Profa. Dra. Heloísa Andreia de
Matos Lins.

CAMPINAS
2013

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**

Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

P196q Paola, Amanda de, 1990-
Que histórias nos contam os contadores de histórias e professoras sobre sua formação, suas práticas, a leitura e as novas tecnologias na infância? / Amanda de Paola. – Campinas, SP: [s.n.], 2013.

Orientador: Heloísa Andreia de Matos Lins.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) –
Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de
Educação.

1. Público e privado em educação. 2. Contadores de histórias. 2. Educação infantil. 3. Leitura. 4. Educação – Novas tecnologias. 5. Infância. I. Lins, Heloísa Andreia de Matos, 1974- II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

13-127-BFE

FOLHA DE APROVAÇÃO

Campinas, 12 de dezembro de 2013.

Prof^ª. Dr^ª. Heloísa Andreia de Matos Lins
Orientadora

Janaína Cabello
Segunda leitora

Agradecimento:

Em primeiro lugar, agradeço à Deus, pois é por causa de seu amor que estou aqui hoje. É Ele quem tem me sustentado todos os dias em toda a minha caminhada.

Agradeço à minha orientadora Professora Doutora Heloísa Andreia de Matos Lins, que fez seu trabalho com grande excelência e me inspirou durante todo esse ano.

Agradeço à Janaina Cabello que se prontificou a ser minha segunda leitora.

Agradeço imensamente à minha tão preciosa família, meu pai Carlos, minha mãe Lidia e minha irmã Natália, que me mostraram o verdadeiro significado do amor. Agradeço por fazerem parte de todos os momentos de minha vida e sempre me dando forças e me incentivando a continuar em frente.

Agradeço ao Leonardo, que fez com que esse último ano pesado de minha vida se tornasse mais leve. Sempre teve muita paciência e amor em todos os momentos que eu precisava.

Aos meus amigos que me acompanharam e me ajudaram nesses anos tão preciosos de minha vida.

Às contadoras de histórias e professoras de Educação Infantil que se disponibilizaram a participar de minha pesquisa.

Resumo:

Refletindo sobre as atividades de leitura, contações de histórias e suas influências na formação de leitor, juntamente com as tecnologias, pretendeu-se, nesta pesquisa qualitativa, compreender o que os contadores de histórias e professores de educação infantil concebem nesse âmbito e de que forma relacionam essas concepções às suas práticas cotidianas. De modo mais específico, procurou-se conhecer a formação de contadores de histórias e as influências em sua formação: Quais são seus fazeres e saberes em seu meio profissional? Como eles percebem a contação de histórias e a literatura vinculada a tecnologias? A partir dessas questões, buscou-se estabelecer os recursos para a contação de histórias e relacioná-las às novas tecnologias. Através da análise de respostas obtidas por questionários, os dados foram distribuídos em quatro núcleos temáticos (VIANNA, 2009), sendo eles: a) contação de histórias e recursos, b) memórias da infância e afetividade, c) tecnologias nas leituras e contações de histórias, d) práticas pedagógicas e formação de leitores. Este estudo apoia-se em referenciais teóricos na perspectiva histórico-cultural.

Sumário

| | |
|---|-----------|
| Apresentação | 1 |
| Introdução | 2 |
| 1. Leitura, infância e contação de histórias | 6 |
| 1.1 Leitura e poder | 6 |
| 1.2 Afetividade, imaginação e infância | 9 |
| 1.3 Contação de histórias | 12 |
| 2. Leitura e tecnologia | 15 |
| 3. Método | 19 |
| 4. Descrição e análise dos resultados | 26 |
| 5. Considerações finais | 34 |
| 6. Referências Bibliográficas | 35 |
| 7. Anexo 1 | 37 |
| 8. Anexo 2 | 57 |

Apresentação

Com o intuito de investigar as práticas de leitura e contação de histórias vinculadas com as novas tecnologias e com as vivências de profissionais dessa área, apresentamos a construção dessa ideia e dos objetivos de pesquisa.

No primeiro capítulo, apresentamos os pressupostos teóricos sobre contação de histórias. Discorremos sobre leitura e poder abordando formação de leitor. Também abordamos a afetividade, imaginação e infância articuladas com práticas de leitura.

No segundo capítulo, discutimos as novas tecnologias. Abordamos as questões sobre o fim do livro e a fusão das novas tecnologias na educação. Também discutimos letramento digital.

No terceiro capítulo, apresentamos a abordagem metodológica utilizada na construção do documento. Apresentamos as maneiras de coletas de dados e como foram suas análises.

No quarto capítulo, abordamos as descrições e análises de dados, que foram desenvolvidos a partir de núcleos de significação.

No quinto e último capítulo fazemos algumas considerações sobre todo o estudo. Nos anexos temos os questionários na íntegra e no anexo 2 temos algumas buscas que poderão auxiliar professores, como fazer bom proveito das novas tecnologias.

1. Introdução

“Bastian olhou para o livro.

“Gostaria de saber”, disse para si mesmo, “o que se passa dentro de um livro quando ele está fechado. É claro que lá dentro só há letras impressas em papel, mas apesar disso, deve acontecer alguma coisa, porque quando o abro, existe ali uma história completa. Lá dentro há pessoas que ainda não conheço, e toda espécie de aventuras, feitos e combates – e muitas vezes há tempestades no mar, ou alguém vai a países e cidades exóticos. Tudo isso, de algum modo, está dentro do livro. É preciso lê-lo para o saber, é claro. Mas antes disso, já está lá dentro. Gostaria de saber como...”

E, de repente, sentiu que aquele momento tinha algo de solene.

Endireitou-se no assento, pegou o livro, abriu-o na primeira página e começou a ler.”

(Michael Ende, A história sem fim, p. 10-11)

Para começar a escrever esta pesquisa, resgatei na minha infância como a literatura tinha sido incorporada em minha vida. Foi então que comecei a procurar livros que lia quando era criança. Encontrei muitos livros de histórias e comecei a folheá-los. Alguns não faziam muito sentido para mim, nem me recordava, porém outros (à medida que eu folheava) pareciam me levar ao passado e acabava sentindo todas aquelas sensações, prazeres e até desconfortos que aqueles momentos tinham me dado. Percebi que esses livros que me remetiam a essas sensações não eram livros interativos ou com algo de especial, mas livros que foram tratados de formas especiais por quem me contava. Então notei o quanto são importantes os momentos de contação de histórias e como a criança leva esses momentos por toda a vida, além da importância de como o livro é tratado por quem o conta.

Nesse contexto, o meu processo de adaptação na escola foi bem intenso e longo, pois apesar de ser um local que me atraía muito, eu não queria sair do conforto do meu lar para ir para um local que teria muitas regras e que eu ficaria longe da minha tão amada mãe. Ao olhar meus livros, um deles me chamou muito a atenção que é o “Franklin vai à escola”; esse livro teve um peso muito grande em minha infância, pois o personagem experimentava exatamente o que eu sentia, como no trecho apontado: “No meio do caminho para o ponto de ônibus, Franklin sentiu um aperto no estômago” (BOURGEOIS, 1996). Ao ler esse livro recordei exatamente o que eu sentia naqueles momentos tão dolorosos de transição de casa à escola.

Durante toda essa busca, pude me lembrar de várias sensações que eu, como criança, sentia e o quão importante foi essa caminhada junto à literatura. Como podemos deixar que essa experiência tão importante escape da vida de nossos alunos? A aventura de ler não é algo mágico ou que deve ser proporcionado apenas por profissionais de contação de histórias, mas pode ser feito por qualquer.

Durante minha infância, sempre brincava com meus primos mais novos e gostava muito de contar histórias, ensinar, brincar de escola, etc. Esses desejos caminharam comigo até a minha adolescência e o momento no qual teria que escolher o meu futuro acadêmico e profissional chegara. Esse momento foi um dos mais difíceis da minha vida, pois muitas profissões vinham em mente, porém nada era o que eu realmente gostaria de fazer. Foi então que percebi! Tudo aquilo que me dava prazer de fazer quando criança era exatamente o que realmente queria para minha vida. Foi então que decidi cursar Pedagogia.

Durante todo o curso de Pedagogia, muitas áreas e temas me atraíam e a contação de histórias nunca foi tratada de uma maneira profunda que me satisfizesse, mas isso foi ficando de lado, o ponto de me esquecer dessa admiração que eu tanto tinha. Contudo, ela estava sempre ali presente em minha vida, pois durante toda a minha caminhada (desde os 14 anos) trabalhei com as crianças da minha igreja, contando histórias bíblicas. A cada dia queria transformar essas histórias em experiências mais profundas e desejava que aqueles momentos ficassem registrados em suas memórias. Então, criava muitas maneiras de contar histórias, desde os recursos mais simples, como livros ou simples imagens, aos mais elaborados, como uma vez que criei uma arca de papelão que dava para colocar os animais dentro, ou quando fiz uma televisão com caixas para contar histórias com sombras.

Foi então que eu cheguei ao meu quinto e último ano de Pedagogia. Estava com muitas dúvidas, desde a professora que poderia me orientar, até o tema que gostaria de pesquisar. Posteriormente, já num encontro com a possível orientadora, surgiu a ideia de começar a ver alguns vídeos de contadores de histórias na internet e percebi que a minha paixão estava aí.

Apesar de não ter vindo de uma família de leitores assíduos, a leitura foi incentivada por minha família, pois eles percebiam o quanto seria importante

na minha vida ter algum prazer pela leitura. De acordo com a terceira edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil feita pelo Instituto Pró-Livro (2012), o brasileiro lê em média 4 livros por ano e desses quatro, termina a leitura de apenas dois. Este número é ainda menor do que o apresentado pela edição anterior da pesquisa, feita em 2007, quando foi constatado que o brasileiro lia em média 4,7 livros por ano.

Quando a família não tem a leitura como atividade de linguagem é muito difícil passar isso para os seus filhos. Cabe aos educadores mostrar a importância dessa prática social ao aluno, para que se crie uma parceria família-escola. Como discute Smolka (1989), a forma escrita atualmente constituiu um *habitus*, tudo se lê e se lê até sem querer.

Mas a atividade da leitura é diferente, não dizemos atividade de leitura quando lemos automaticamente, mas como dito no trecho a seguir: “quando falo da atividade da leitura não falo simplesmente, de um ‘comportamento’ de leitura, de uma maneira de proceder ou de um conjunto de habilidades e atividades frente a um texto num contexto social. (...) Falo, portanto, da leitura como mediação, como memória e prática social” (SMOLKA, 1989, p.28).

Nessa mesma direção, o momento da leitura deve ser algo prazeroso, mas para se tornar prazeroso é preciso cativar o aluno a gostar desse momento. Por isso, a contação de histórias é tão importante, pois o aluno percebe que o mundo da literatura é algo instigante, quando alguém mostra o prazer nisso, e quando temos o prazer de fazer algo, não é preciso mais utilizar desculpas para se esquivar daquela prática, como acontece com muitas pessoas que dizem não ter tempo para ler, como foi o caso de muitos não leitores que apareceram na pesquisa Retratos da leitura no Brasil 3 (2012). Quando gostamos daquela prática, encontramos maneiras de realizá-la em nossa rotina, por mais que essa seja muito corrida.

Como diz Machado sobre o tempo da leitura: “ A leitura é uma atividade cujo tempo está em transformação qualitativa. Resiste, reage, se reinventa, mas tem de se enfrentar questões temporais que precisam ser encaradas”(MACHADO, 2004. p.18). Com a tecnologia, muitos livros se apresentam em forma digital, assim se tornam mais acessíveis e práticos para a população, pois podem levar à qualquer lugar todos os livros que precisar em um único aparelho. Mas de acordo com os “Retratos da leitura no Brasil 3

(2012)”, o percentual de leitores não tem aumentado, ainda que esse recurso possa ser usado em qualquer local, além de ser usado para o incentivo à leitura das crianças, pois existem muitos livros interativos para serem utilizados em aparelhos tecnológicos como computadores, tablets, celulares, etc. Porém esse aparelho apresenta diversas formas de entretenimento, se a pessoa não for um leitor assíduo as chances dela desviar sua atenção da leitura para outros recursos é grande.

Percebemos por meio de um mapeamento, entre as pesquisas do Brasil, em teses, artigos e reportagens, que esse assunto é relativamente novo. Não são muitas as pesquisas na área de tecnologia e literatura infantil. (GOULART, 2004; RIBEIRO, 2003; LUDWIG, 2010). Percebe-se que muitos professores nem sabem que existem aplicativos que auxiliam a contação de histórias e que podem ser outras as formas de ensinar e incentivar a leitura.

É de extrema importância conhecer esse campo e sabermos como utilizá-los para que os alunos cada vez mais se interessem e explorem a literatura e se tornem leitores críticos da sociedade. Porém é preciso entendermos que não é a tecnologia que mudará a realidade da escola no Brasil, ela só é mais um meio de leitura. Se não formarmos o leitor antes, de nada valerá esse meio. Pois como diz Chartier (1921) “a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler.” (p. 13). O que muda é a materialidade do texto, e a maneira de ser lido, mas as mediações precisam sempre estar presentes para formarmos os leitores.

Assim, refletindo sobre as atividades de leitura, contações de histórias e suas influências na formação de leitor, juntamente com as tecnologias, pretendeu-se, nesta pesquisa qualitativa, compreender o que os contadores de histórias e professores de educação infantil concebem nesse âmbito e de que forma relacionam essas concepções às suas práticas cotidianas. De modo mais específico, procurou-se conhecer a formação de contadores de histórias e as influências em sua formação: Quais são seus fazeres e saberes em seu meio profissional? Como eles percebem a contação de histórias e a literatura vinculada a tecnologias? A partir dessas questões, buscou-se estabelecer os recursos para a contação de histórias e relacioná-las às novas tecnologias.

Capítulo 1: Leitura, infância e contação de histórias

1.1 Leitura e poder

Para muitos, desde a barriga da mãe, o bebê já começa fazer a “leitura do mundo”: percebe as sensações, cheiros, sons, falas e, a cada passo da vida, esses conhecimentos começam a ficar mais complexos. Quando nasce, a mãe “abre a porta” à criança para o mundo que apresenta milhares de objetos para serem explorados e vivenciados. Após o período de desenvolvimento da linguagem, desenvolve-se ainda mais essa “leitura” ou conhecimento de mundo. Com isso, podemos perceber o quanto é importante desenvolver a linguagem desde a mais tenra idade, pois no “processo de desenvolvimento cognitivo, a linguagem tem papel crucial na determinação de como a criança vai aprender a pensar, uma vez que formas avançadas de pensamento são transmitidas à criança através de palavras” (VYGOTSKY, 1934, apud MURRAY THOMAS, 1993, p, 3). Neste sentido, como diz Grotta (2000) “[...] a linguagem coloca-se como fundamental no desenvolvimento de todo e qualquer homem, pois é por meio dela que os conceitos são aprendidos permitindo aos sujeitos não só compreenderem o mundo, mas também agirem sobre ele.” (p.22)

Assim, como nos diz Freire (1981): “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele” (pg. 11).

Quando o indivíduo aprende a ler a palavra e quando essa palavra é inter-relacionada com o mundo, o indivíduo percebe a importância do ato de ler e percebe isso como uma atividade humana, como diz Smolka (1989). Porém esse processo da leitura do mundo e depois da leitura da “palavramundo”, como diz Freire (1981), é um processo complexo que não se dá por atividades tradicionais de alfabetização ou de incentivo à leitura, mas sim de um processo significativo para essa atividade humana. Conforme Freire (1981), lembrando aspectos de seu processo de aprendizagem: “Eunice (Escolinha particular de Eunice Vasconcelos) continuou e aprofundou o trabalho de meus pais. Com ela, a leitura da palavra, da frase, da sentença, jamais significou uma ruptura com a “leitura” do mundo. Com ela, a leitura da palavra foi a leitura da “palavramundo” (pg. 15).

Em nossa sociedade, a leitura se tornou algo corriqueiro e imperceptível para quem lê, pois “produz um conjunto de práticas sociais, e de tal maneira que quem lê,

lê até mesmo “sem querer”, segundo Smolka (1989). Por isso, é tão importante para o indivíduo ler, pois quase tudo em nossa sociedade atualmente é obtido por meio da forma escrita. Como é destacado pela autora:

A leitura de classificados num jornal, a leitura de um artigo ou de um livro; a leitura de uma nota fiscal, de propaganda ou anúncios luminosos; seja para informação, fruição ou estudo, seja mesmo incidentalmente, no percurso do ônibus para o trabalho, num supermercado ou na escola, são alguns dos modos e momentos de leitura que ocorrem cotidianamente e diversificadamente, dadas as condições de vida em nossa sociedade atual. (SMOLKA, 1989, p 25)

Na retomada de sua infância, Freire, em novembro de 1981, descreve cenas de sua leitura de mundo, ao apresentar um trabalho no Congresso Brasileiro de Leitura (COLE), realizado em Campinas em 1981. Então, diz que “Na medida, porém, em que me fui tornando íntimo do meu mundo, em que melhor o percebia e o entendia na “leitura” que dele ia fazendo, os meus temores iam diminuindo”. (p. 15) Como podemos perceber, isso acontece frequentemente com a atividade de leitura, pois quanto mais utilizamos essa atividade humana, mais adquirimos informações e mais íntimos ficamos do mundo e nossos “temores” diminuem.

Por isso, precisamos construir a leitura como uma leitura da *palavramundo*, algo que dá significado às coisas. Esse processo cabe aos mediadores dessa atividade, quando a mesma está ainda em vias de concretização. Nessa direção, nas palavras de Paulo Freire (1981):

Não eram, porém, aqueles momentos puros exercícios de que resultasse um simples dar-nos conta da existência de uma página escrita diante de nós que devesse ser cadenciada, mecânica e enfadonhamente “soletrada”, em vez de realmente lida. Não eram aqueles momentos “lições de leitura”, no sentido tradicional desta expressão. Eram momentos em que os textos se ofereciam à nossa inquieta procura, incluindo a do então jovem professor José Pessoa. (p. 16)

Leitura, em nossa sociedade, é poder. Como aponta Grotta (2000): “a escrita insere-se na realidade histórica social como um instrumento de poder: poder conhecer,

atuar e inserir na realidade social e libertar-se do senso comum.” (p. 26) Quantas informações são perdidas a um analfabeto? Quantas informações são passadas de maneiras incorretas a eles? Quantas dificuldades essas pessoas têm passado em situações tão simples do cotidiano?

A palavra apresenta um poder incrível em nossa sociedade, pois são palavras que compõe linguagem, comunicação, conhecimentos e principalmente poder como diz Gnerre (1985) “O poder da palavra é o poder de mobilizar a autoridade acumulada pelo falante e concentrá-la num ato linguístico”.

Além disso, a leitura nos traz inúmeras sensações como ressalta Cagliari (2000, p. 176, apud, FAZOLI, LEMOS, 2005, p. 7) “A leitura é um grande auxiliar de reflexão, de meditação, de voltar-se para dentro de si”. É preciso que a criança entenda essas questões desde cedo para que desperte o desejo de ser um leitor.

Quando utilizamos a leitura apenas para cumprir protocolos, ou seja, para cumprir uma lição, apenas para tirar nota, para passar em uma disciplina, quebramos totalmente o poder que a leitura tem. Entretanto, isso é o que ocorre na maioria das escolas, atualmente o indivíduo é alfabetizado tardiamente, isso quando é alfabetizado, e as instituições de ensino vão camuflando esses problemas a cada ano. Com isso muitos se tornam adultos sem ter como essência a leitura como conhecimento, informação e poder. Como diz Gnerre (1985)

A linguagem não é usada somente para veicular informações, isto é, a função referencial denotativa da linguagem não é senão uma entre outras; entre estas ocupa uma posição central a função de comunicar ao ouvinte a posição que o falante ocupa de fato ou acha que ocupa na sociedade em que vive. (p. 3)

Podemos relacionar essa linguagem com a leitura que também determina o local que o sujeito ocupa na sociedade atualmente, como diz esse autor.. Quando o indivíduo carece desses aspectos de apoderamento pela palavra (também escrita) tende a ser discriminado; muitas vezes, sutilmente, outras explicitamente.

1.2 Afetividade, imaginação e infância

Trataremos agora de um assunto que muitas vezes parece de pouca relevância, porém é algo fundamental para o desenvolvimento humano que é a afetividade¹, imaginação e o processo de criação.

As mediações são muito importantes em vários processos, como os cuidados maternos, os processos de aprendizagem, formação de leitores, etc. “É através da mediação do outro, do signo, das interações sociais, que o homem constitui-se como sujeito, desenvolve-se e produz cultura.” (VYGOTSKY, 1994, apud GROTTA, 2000, p. 17)

A afetividade faz parte do desenvolvimento da criança, pois a emoção é o vínculo mais forte entre os seres humanos; ao nascer, é por meio do choro (emoção) que o bebê chama a atenção de quem o cuida para atender suas necessidades. Com isso, percebemos que é nesse sentido que a emoção impulsiona as interações do sujeito com os outros, criando assim as primeiras interações dele com o meio social. Percebe-se então que a afetividade (via emoções) tem como primeira função a comunicação entre o bebê e o meio social que o cerca. A partir dessas comunicações que os bebês vão estabelecendo com o meio humano, essas emoções e movimentos vão adquirindo expressões e intenções. Quando os adultos recebem essas intenções do bebê e o interpretam, fazem com que os impulsos e movimentos da criança ganhem significado. (WALLON, 1995, apud GROTTA, 2000)

Nesse processo, à medida que essa criança interage com os outros, começa a passar de um estado de sincretismo para um processo de diferenciação, ou seja a criança passa do processo em que se mistura fantasia e realidade, por exemplo, para explicar algum conceito que é apresentado à ela, mistura o que é real e o que é fantasia, e passa para o processo de diferenciação, conforme vai criando experiência consegue explicar conceitos e diferenciar o que é real e o que é fantasia. Nesse processo progressivo, a afetividade encontra-se sempre presente nas interações dela com o meio social, mediando suas relações com a cultura e a constituição como sujeito. (WALLON, 1968, apud GROTTA, 2000)

¹ A afetividade “Engloba tanto as emoções quanto os sentimentos que tem raízes psicológicas e são estados subjetivos mais duradouros e menos orgânicos que as emoções”

Por isso é tão importante as relações sociais e os processos de afetividade na infância porque os momentos que são pareados por afetividade são os momentos que são marcados, pois “É a afetividade, expressa pelo adulto ao mediar as interações do sujeito com o mundo, que transforma as experiências sociais em algo significativo para o sujeito, ou seja, em uma experiência individual que marca sua constituição e sua subjetividade.” (Grotta, 2000, p. 25). É fundamental que as práticas de leituras estejam fundamentados por afetividade, pois essa relação entre indivíduos que transforma meros momentos de leitura em momentos importantes e especiais da formação do indivíduo.

Além de toda essa relação de afetividade na atividade de leitura podemos perceber que os momentos de leitura e contação de histórias são muito ricos em detalhes e isso é muito importante para ampliar a imaginação das crianças e suas experiências, o que é fundamental para a atividade de criação humana (VYGOTSKY, 2009). Como argumenta Vygotsky “a imaginação não é um divertimento ocioso da mente, uma atividade suspensa no ar, mas uma função vital necessária.” (2009, p.20)

A imaginação não é algo que surge da mente, deslocada da realidade, mas é embasada em nossas vivências e permeada na realidade. Vygotsky nos faz perceber o quanto as experiências e vivências de uma pessoa são fundamentais para o seu desenvolvimento. Essa questão é importante, pois o homem não apenas reproduz o que viveu, mas também “combina e reelabora, de forma criadora elementos da experiência anterior, erigindo novas situações e novo comportamento.” (VYGOSTSKY, 2009, p.14)

A imaginação é a base para o desenvolvimento do ser humano em sua atividade criadora e esse processo de criação vai desde algo pequeno, por exemplo, quando criamos uma imagem de algum lugar que alguém nos retratou, ou até mesmo invenções de porte grandioso. Como diz Vygotsky (2009) tudo o que nos cerca e foi feito pelas mãos do homem todo o mundo da cultura, diferentemente do mundo da natureza, tudo isso é produto da imaginação e da criação humana que nela se baseia (p. 14)

Essa criação só é possível quando imaginamos, pois é a base para essa atividade. A imaginação são as experiências e vivências de um ser humano que foram combinadas e reelaboradas em nossas mentes. Por isso é tão importante que desde a primeira infância – segundo Vygotsky (2009) – que a criança tenha a oportunidade de vivenciar diversas atividades desde as mais abstratas as mais concretas e objetivas. A criança desde muito pequena precisa utilizar-se de sua imaginação para construir

esses processos de criação, como podemos perceber em suas brincadeiras. Como Vygotsky (1896-1934) nos mostra nesse trecho:

A brincadeira da criança não é uma simples recordação do que vivenciou, mas uma reelaboração criativa de impressões vivenciadas. É uma combinação dessas impressões e baseada nelas, a construção de uma realidade nova que responde às aspirações e aos anseios da criança. Assim como na brincadeira, o ímpeto da criança para criar é a imaginação em atividade. (p. 17)

Como podemos perceber então, quanto mais rica sua experiência, maior será sua base de criação e isso deve ser feito desde a mais tenra idade. Se desejamos uma pessoa no futuro com um poder de criação grande, devemos nos importar com as experiências das crianças. Como explicita Vygotsky “A conclusão pedagógica a que se pode chegar com base nisso consiste na afirmação da necessidade de ampliar a experiência da criança, caso se queira criar bases suficientemente sólidas para a sua atividade de criação.” (p. 23) Com isso, podemos perceber o quanto as práticas de leitura e contação de histórias são importantes nesse aspecto, pois as histórias “abrem um leque” de experiências para as crianças, pois “O que a criança vê e ouve, dessa forma são os primeiros pontos de apoio para sua futura criação. Ela acumula material com base na qual, posteriormente, será construída a sua fantasia.” (p. 36)

Outra questão é muito importante quando falamos em imaginação e fantasia, que afinal são sinônimos, de acordo com Vygotsky (2009), é o prazer da criança pelo exagero, quando contamos uma história podemos perceber nitidamente como é apreciado esses momentos de exacerbação. Vygotsky (2009) mostra que esse exagero tem um papel fundamental no desenvolvimento humano, pois “a paixão das crianças pelo exagero, do mesmo modo que a dos adultos, tem fundamentos internos muito profundos, que, em grande parte, consistem na influência que o nosso sentimento interno tem sobre impressões externas”. (VYGOTSKY, 2009, p. 37)

Além disso, Vygotsky (2009) diz que esse exagero está presente tanto na arte como na ciência e se não fosse esse prazer pelo exagero, essa base que foi criada desde cedo, não existiria a astronomia, geologia, física, etc. Com isso percebemos o quanto o exagero faz parte das histórias infantis, nos animais falantes, o lobo que entra pela chaminé, porquinhos que constroem casas, casas de chocolates, etc. Todo esse exagero que permeia o universo das histórias infantis são fundamentais para o desenvolvimento humano, pois como acabamos de ver na citação acima essa paixão

pelo exagero influencia como nós reagimos quanto aos sentimentos internos sobre as impressões externas.

Podemos perceber então como a imaginação está mais presente do que podemos imaginar no desenvolvimento humano. Porém percebemos que essa imaginação está diretamente ligada às vivências e experiências do ser humano e que essas devem ser ampliadas a cada fase de suas vidas. As práticas de contação de histórias e leituras são uma das formas de enriquecer essas experiências de uma criança. Por isso esses momentos são de tanta importância.

1.3 Contação de histórias

Como salientado, a contação de histórias é um excelente meio de incentivo à formação do leitor, desenvolve a imaginação da criança e a atividade criadora, além de ser uma atividade que traz em si muitos elementos afetivos. Porém, como aponta Coelho (1989) no trecho abaixo, contar histórias é uma arte e essa arte pode ser cultivada desde que o sujeito que a utilizará perceba sua importância.

“Como toda arte, a de contar histórias também possui segredos e técnicas. Sendo uma arte que lida com matéria-prima especialíssima, a palavra, prerrogativa das criaturas humanas, depende, naturalmente de certa tendência inata, mas pode ser desenvolvida, cultivada, desde que se goste de crianças e se reconheça a importância da história para elas.” (p.9)

Para se tornar um contador, é necessário começar a vivenciar essa prática e para isso é preciso entrar na sua história e deixar que ela conte. Nas palavras de Coelho (1989)

“O narrador deve estar consciente de que o importante é a história, ele apenas conta o que aconteceu, emprestando vivacidade à narrativa, cuidando de escolher bem o texto recriando-o na linguagem oral, sem as limitações impostas pela escrita. A história é que sugere o melhor recurso de apresentação, sugere inclusive as interferências feitas por quem o conta”.(p. 11)

Os momentos de contação de histórias não precisam ser pautados por algum objetivo; podem ser apenas momentos de lazer (sem nenhum objetivo pedagógico), mas quando menos esperamos, esses momentos saem carregados de aprendizagens e vivências, pois mesmo sem querer, nessas circunstâncias, alimentamos a imaginação das crianças, o que faz com que a atividade de criação das mesmas aumente, como apontado. Quanto maior e mais ricas as experiências das crianças, melhor será seu desenvolvimento da atividade de criação. (VYGOTSKY, 2009) Assim, como indica Coelho (1989), uma contação de história alcança muito mais objetivos do que nós mesmos esperamos:

“A história aquieta, serena, prende a atenção, informa, socializa, educa. Quanto menor a preocupação em alcançar objetivos explicitamente, maior será a influência do contador de histórias. O compromisso do narrador é com a história, enquanto fonte de satisfação de necessidades básicas das crianças. Se elas as escutam desde pequeninas, provavelmente gostarão de livros vindo a descobrir neles histórias como aquelas que lhes eram contadas.” (p. 12)

Podemos perceber então o quanto esses momentos de contação de histórias são importantes, tanto em uma sala de aula, quanto em outros locais como a televisão, internet, rádios, etc. Quanto mais tivermos experiências, mais enriqueceremos o nosso ser como já foi apontado, não importa como será a contação de história em si, se será por meio de um livro, com algum objeto diferenciado, apenas com a voz ou com recursos tecnológicos. O importante é que principalmente na infância haja um mediador para que esses momentos ocorram.

Claro que quanto mais nos prepararmos para esses momentos mais expressivos serão eles, e com isso trará os momentos de afetividade, imaginação e experiência que são tão fundamentais como diz Vygotsky (2009). Sabendo disso, podemos pensar em algumas maneiras de maximizar esses momentos tão importantes. Diante do exposto, Santos (2007) ressalta que “[...] contar histórias não é uma tarefa fácil e requer certa habilidade, exercício, formação e preparo para controlar todos os mecanismos que entram em ação cada vez que se quer comunicar uma história a uma plateia. Contar não é só dizer um texto!” (p.16)

Por isso, um dos aspectos interessantes e que ajudam muito é criar um roteiro, um planejamento da narrativa que irá ser contada. Mas antes disso, é preciso decidir

qual história contar. As histórias não precisam necessariamente estar em livros, podem ser de qualquer recursos como: internet, revistas, jornais, livros, etc. A partir da escolha dessa narrativa, cabe ao narrador lê-la e fazer alguns ajustes em adaptações verbais para facilitar a compreensão de acordo com os ouvintes com seus interesses, faixas etárias, condições socioeconômicas, etc. (COELHO, 1989)

Um dos pontos mais importantes é o fato de o contador precisar se identificar com a história. Como destaca Coelho (1989): “A história é o mesmo que um quadro artístico ou uma bonita peça musical: não poderemos descrevê-los ou executá-los bem se não apreciarmos”. (p.14)

Após escolher a história, segundo a autora, é preciso estudar a história; estudar é diferente de decorar, não é preciso decorá-la, mas sim entender, captar a mensagem da história, os seus elementos fundamentais. (COELHO, 1989)

2. Leitura e tecnologia

Atualmente, podemos perceber o quanto as tecnologias têm se difundido nos meios educacionais e, a cada dia, ouve-se falar mais dessa questão. Porém, muitos juízos de valores e preconceitos tornam difícil entendermos realmente o que está acontecendo na educação com as tecnologias. Tudo o que é novo causa um certo estranhamento na sociedade como diz Schons e Valentini (2012)

“Estamos imersos numa sociedade repleta de inúmeras e profundas transformações, principalmente no campo científico e tecnológico, refletindo na forma como nos comunicamos, trabalhamos, vivemos e aprendemos. Mudanças essas que provocam e desestabilizam antigas práticas estabelecidas na área da educação. Sendo as tecnologias digitais um dos atuais desafios da educação.” (p. 1)

Essa grande mudança que a educação tem enfrentado por meio dos recursos digitais podemos perceber duas vertentes de opiniões sobre esse assunto. A primeira vertente que trataremos é o grande distanciamento e a recusa do uso de tecnologias na educação. É muito comum escutarmos que a tecnologia, extinguirá os livros, ou que ela cria uma desumanização entre as pessoas, pois cada um fica em seu celular, tablet, notebook e não constrói relações sociais verdadeiras.

Outra vertente bem difundida entre a sociedade é de que a tecnologia por si só favorecerá o desenvolvimento da inteligência humana. Como diz Fagundes (2008, p. 12, apud SCHONS, VALENTINI, 2012, p. 1) “a aplicação eficaz das tecnologias digitais consiste em enriquecer o mundo do aprendiz para sustentar interações produtivas e favorecer o desenvolvimento de sua inteligência.”

Entretanto, o uso das tecnologias tornou-se modismo entre as escolas e programa de marketing de muitas e algumas delas não sabem o que fazer com esse objeto. Acabam pregando que ele será a resolução dos problemas educacionais e a razão do sucesso dos alunos. Essa inovação traz a ideia de que se a escola não tem esse recurso é precária e não educará as crianças corretamente e de forma eficiente.

É comum encontrarmos discursos de que os aparelhos eletrônicos tomaram os lugares do lápis, caneta, papel, caderno e livros. Como podemos perceber em uma reportagem da coluna “*A crítica*” do site uol de Manaus,

“Tablets tomam lugar de cadernos, lápis e caneta em escolas municipais de Manaus”². Essa reportagem diz que o titular da Secretaria Municipal de Educação, Pauderney Avelino colocaria em todas as escolas municipais de Manaus os tablets. Essas melhorias são muito bem vindas na educação, porém elas não são a resolução dos problema da educação, mas sim novos meios de educar; o que não é preciso excluir os antigos. Mas é preciso pensar nos reais problemas que emergem nos meios educacionais.

Claro que o indivíduo precisa conhecer e aprender a utilizar esses novos recursos, porém como qualquer outro modelo de aprendizagem é preciso haver mediações entre os meios de aprendizagem. É muito comum ouvirmos discursos de que as tecnologias explicam por si só como diz Schons e Valentini(2012) “*Os nativos digitais*³ *parecem aprender pela prática e experimentação.*” (p. 2) Porém é de grande importância a mediação para o processo de aprendizagem como diz Oliveira (2002, p. 33, apud, MARTINS, MOSER, 2012, P. 2)

“O processo de mediação, por meio de instrumentos e signos, é fundamental para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, distinguindo o homem dos outros animais. A mediação é um processo essencial para tornar possível as atividades psicológicas voluntárias, intencionais, controladas pelo próprio indivíduo.”

A importância desse processo de mediação no caso dessa prática de leitura se dá desde o fato de que é fundamental para o desenvolvimento das funções psicológicas como vemos na citação acima como também no processo de formação de leitores. Uma das maiores responsabilidades da escola é a formação de leitores. Qual o meio de leitura que cada sujeito irá ler não é o mais importante. Porém essa discussão tem gerado muita polêmica, é muito comum enquadrar as escolas com mais recursos tecnológicos como sendo melhores.

Esse discurso também cria a ideia de que com os meios digitais o livro irá ser extinguido, porém percebemos que não é bem assim. Quando tivemos a revolução da impressão que excluímos os manuscritos e ninguém mais utilizou

² http://acritica.uol.com.br/manaus/manaus-amazonas-amazonia-Tablets-cadernos-escolas-municipais-educacao-Pauderney_0_958704127.html. Acesso em 25 de outubro de 2013.

³ Nativos digitais “Ao considerar o perfil de uma criança de 10 anos, no contexto atual, identificamos que as práticas de leitura e escrita digital fazem parte do fazer do sujeito, este sujeito que já nasceu a era digital”. (PRENSKY, 2001, apud, SCHONS, VALENTINI, 2012, P. 2)

a caneta para escrever, por exemplo. (CHARTIER, 1921) Continuamos utilizá-los até hoje. A maneira de se registrar algo sempre esteve em constante mudança e passou por muitas revoluções. A cada revolução há uma tensão entre o velho e o novo, como podemos perceber através da obra de Chartier (1921),

“De modo geral, persistia uma forte suspeita diante do impresso, que supostamente romperia a familiaridade entre o autor e seus leitores e corromperia a correção dos textos, colocando-os em mãos “mecânicas” e nas práticas do comércio.” (p. 9)

Acontece que atualmente o que temos vivido é um outro modelo de revolução, como diz Charter (1921), pois “*a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler*” (p. 13). Toda essa situação é uma questão de adaptação à maneira de ler: há os que preferem a leitura eletrônica e os que preferem a materialidade do livro. O livro não será extinguido porque algo novo apareceu, cada modelo tem suas facilidades e dificuldades. Além de cada pessoa ter suas preferências, há quem prefere ler jornais, outros revistas, outros livros, outros gibis e outros na tela digital. Porém, a escola precisa proporcionar os diferentes tipos de leitura, para que o próprio leitor faça sua escolha afinal, Isso é formação de leitor. É mediar cada etapa desse processo sem preconceitos e respeitando as escolhas de cada leitor.

Ser um leitor em nossa sociedade é muito mais do que escolher um recurso para sua prática de leitura como diz Rojo (2004)

“ser letrado e ler na vida e na cidadania é muito mais que isso: é escapar da literalidade dos textos é interpretá-los, colocando-os em relação com outros textos e discursos, de maneira situada na realidade social; é discutir com os textos, replicando e avaliando posições e ideologias que constituem seus sentidos; é, enfim, trazer o texto para a vida e coloca-lo em relação com ela. Mais que isso, as práticas de leitura na vida são muito variadas e dependentes de contexto, cada um deles exigindo certas capacidades leitoras e não outras.” (p. 2)

Para isso é preciso que o leitor conheça todos os modelos de leitura, para poder ter a autonomia de buscar onde deseja, os diversos modelos de leitura. O modelo digital favorece bastante a criticidade do leitor, pois com esse novo modelo de leitor a relação, muda ele pode opinar, se tonar o próprio autor

e tornar a ser leitor novamente. Como diz Chartier (1998) “*cada leitor dispõe de uma legitimidade própria, do direito a um julgamento pessoal.*” (p. 17)

É preciso mediar essas relações com a internet e as práticas de leituras digitais, pois com esse novo meio, algumas funções se modificaram e a formação de leitor tem se modificado também.

“A internet além de indicar novos modos de estar na sociedade trouxe também novas linguagens, especialmente a linguagem escrita. Pois, as crianças utilizando a internet podem se constituir como sujeitos de práticas letradas, eles criam blogs, páginas na internet, entram em salas de bate papo e interagem no mundo virtual.” (SCHONS, VALENTINI, 2012, p. 3)

Esse estranhamento que salientamos no início desse capítulo é algo muito natural, pois a mudança que a sociedade tem sofrido com os meios tecnológicos são transformações não apenas na leitura, mas em outros modos comportamentais como diz Schons e Valentini (2012) “As tecnologias digitais implicam nas formas de ser, pensar, comunicar-se, relacionar-se e aprender. Tudo passa a ser instantâneo. Essas mudanças interferem na forma de ler e escrever, na cognição humana.” (p. 4) Todas essas questões exigem do ser humano novos conhecimentos e estratégias para lidar com essa revolução.

A escola não deve escolher um modelo de leitura, um tipo de texto, ou um modo de aprendizagem, mas deve fazer com que os sujeitos sejam capazes de utilizar-se de todos os recursos embutidos na sociedades e que cada um faça sua escolha de vida e de leitor. Como diz Moraes (1997, p. 132, apud SCHONS, VALENTINI, 2012, p. 7)

“A finalidade da escola é buscar a emancipação de sujeitos históricos capazes de construir seu próprio projeto de vida.” Para isso é preciso “romper com os velhos paradigmas do tradicional e voltar o olhar a uma nova forma de ensinar, ou seja, buscar a contribuição das ferramentas disponíveis nas novas tecnologias.” (MOURA, NEIVA, 2012, p. 20)

3.Método

3.1. Cenário de pesquisa e opções metodológicas

Esta pesquisa é de caráter qualitativo, pois tem como objetivo desenvolver a compreensão de conceitos sensíveis (BOGDAN E BIKLEN, 1994) sobre a contação de histórias e à leitura como atividade de linguagem (SMOLKA, 1989), relacionadas ao desenvolvimento tecnológico. A pesquisa estrutura-se com pesquisas bibliográficas e questionários respondidos por contadores de histórias e professores que possuem essa prática em seu dia a dia.

Pretendíamos conhecer o que essas pessoas que trabalham tão de perto com o mundo das histórias e das práticas de leitura entendiam e tinham a nos dizer sobre esse tema. Por isso, elaboramos um questionário inspirado na História Oral, para resgatar as memórias de nossos entrevistados e desenvolvermos a compreensão do assunto. Como diz Thompson (1992) “Toda fonte histórica derivada da percepção humana é subjetiva, mas apenas a fonte oral permite-nos desafiar essa subjetividade: descolar as camadas de memória, cavar fundo em suas sombras, na expectativa de atingir a verdade oculta.” (p.197) Como se observa, não nos ativemos nas fontes orais tal como são concebidas por essa perspectiva (não fizemos entrevistas, por exemplo), mas procuramos nos aproximar desse referencial ao compormos um questionário que aguçasse essa memória e trouxesse alguns elementos sensíveis desse processo de rememoração.

Para criarmos o questionário, o ponto inicial foi a pesquisa bibliográfica que acompanhou todo o processo da investigação. Foi feito um mapeamento do que tem sido produzido mais recentemente. Esse mapeamento foi feito em sites de bancos de teses e dissertações do Brasil (<http://bdtd.ibict.br/>), biblioteca da Unicamp (<http://acervus.unicamp.br/>), artigos (<http://www.scielo.org/php/index.php?lang=en>), artigos de jornais (<http://oglobo.globo.com/>) (<http://www.folha.uol.com.br/>) e foram selecionados

os trabalhos mais relevantes, de acordo com os objetivos de nossa pesquisa. Esse mapeamento está disponível nos anexos desse documento.

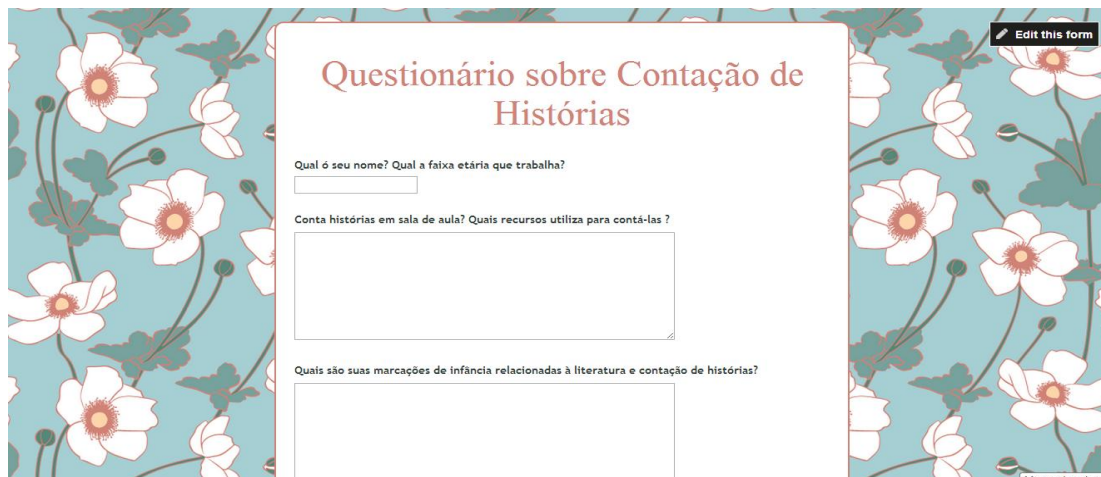
3.2. Processo de escolha e caracterização dos sujeitos da pesquisa

O processo de escolha dos sujeitos aconteceu de duas maneiras distintas, por contatos pessoais e pesquisas pela internet de possíveis contribuintes para nosso trabalho. Essa pesquisa se deu por meio de sites de busca com as palavras chaves “contadores de histórias”, “contações de histórias”, “grupos de contação de histórias”, entre outros. Foram enviados cerca de vinte e-mails em vários momentos, porém só obtivemos quatro respostas. Já para o outro grupo de pessoas que eram os professores contadores de histórias, fizemos contatos pessoais com professores de educação infantil. Entramos em contato com cerca de dez professores e obtivemos o resultado de oito.

Decidimos que seriam questionários, pois como muitos dos sujeitos não moram em Campinas, seria mais fácil obter as respostas a partir desse instrumento. Ao decidirmos o tema da pesquisa, pensamos que seria muito interessante ter a opinião de profissionais contadores de histórias, reconhecidos pelo grande público e/ou que tivessem certo prestígio em suas comunidades, para que pudessem participar. Com isso começamos a entrar em contato com os mesmos, através de e-mails. Como as respostas obtidas pelos contadores profissionais foram quantitativamente inferiores ao que pretendíamos de início, optamos pela criação de um outro grupo, um grupo de professores de educação infantil, como já indicamos acima, que possui essa atividade de contação de histórias em sua prática.

Para o referido grupo, mudamos o processo, criamos no Google Drive um questionário online para que fosse algo de mais rapidez para que as pessoas se interessassem mais em responder e mandei para todos os nossos contatos de professores de educação infantil. Conseguimos oito respostas desses questionários.

Segue abaixo a imagem do questionário criado para o grupo de professores:

A screenshot of a Google Form titled "Questionário sobre Contação de Histórias" set against a floral background. The form contains three questions: 1. "Qual é seu nome? Qual a faixa etária que trabalha?" with a text input field. 2. "Conta histórias em sala de aula? Quais recursos utiliza para contá-las?" with a larger text area. 3. "Quais são suas marcações de infância relacionadas à literatura e contação de histórias?" with another text area. There are "Edit this form" and "Mostrar área de trab" buttons visible.

(disponível em <https://docs.google.com/forms/d/1SIDU5JqM89WnRF8TL48xMffC3by0Gy9156ThT7K-eXU/viewform>)

Ao todo foram contabilizados, entre contadores de histórias e professores de educação infantil, doze questionários para serem analisados.

3.3. Questionários

Foram criados dois questionários: um para os contadores de histórias e outro para as professoras de educação infantil, cada um com suas especificidades. Esperávamos cerca de dez respostas desses questionários. O principal objetivo deles era mapear como são tecidas as histórias contadas e seus contextos de efetivação e práticas de leitura, assim como conhecer possíveis marcas da infância nesses grupos, relacionadas à literatura também, e saber a opinião de cada um sobre os impactos da tecnologia nesse contexto. Diante do exposto, seguem os questionários que foram enviados para os dois grupos:

Questionário para os Contadores de Histórias:

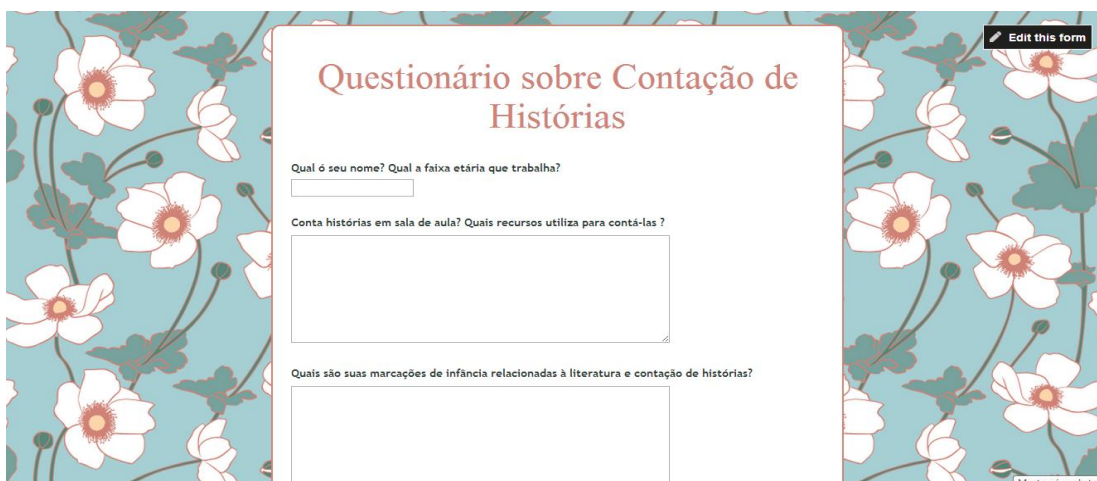
- 1) Como você se tornou contador (a) de histórias? Faz parte de algum grupo? Qual ?
- 2) Quais são suas marcações de infância relacionadas à literatura e contação de histórias?
- 3) Houve influência das tecnologias (TV, Rádio, internet, etc) na forma de se contar histórias ao longo de sua vida?
- 4) Quais são seus principais critérios para compor uma narração? Como se dá a escolha das histórias?
- 5) Qual a influência que o público exerce nesse trabalho?
- 6) Nota mudança no público infantil e em seus desejos em relação às histórias? O que mudou? Por que e como mudou?
- 7) As tecnologias tem influenciado o mundo da leitura e da contação de histórias? Como tem influenciado?
- 8) Acha que as crianças e jovens gostam de ler? Por que? A escola tem cumprido seu papel, de modo geral, em seu ponto de vista?
- 9) Como as práticas pedagógicas nesse sentido poderiam ser melhoradas, do seu ponto de vista?
- 10) No dia 24 de maio de 2013 o site “O Globo” anunciou a reportagem de que ONG incentiva leitura com distribuição de kindles (aparelho que armazena livros digitais). O que acha desse novo modelo de leitura? Você acredita que esse novo modelo de leitura fará com que o prazer pela leitura aumente?
- 11) Segue link da reportagem: <http://oglobo.globo.com/tecnologia/ong-incentiva-leitura-comdistribuicao-de-kindles-8199722#ixzz2XvxC1yTL>

Questionário para Professores de Educação Infantil

Esse novo documento teve como base o questionário acima (para os contadores de histórias), porém foi adaptado para a realidade dos professores. Esse documento foi criado em um outro modelo. Criamos um questionário online pelo Google Drive, passamos todas as perguntas criadas nesse aplicativo e então as professoras entravam nesse site e respondiam-no. As respostas ficam disponíveis apenas para um usuário administrador (os pesquisadores, no caso) em um arquivo de “Excell”.

Segue abaixo o site que se encontra o questionário, a imagem dele e as perguntas (mantendo o layout apresentado aos contadores de histórias):

<https://docs.google.com/forms/d/1SIDU5JqM89WnRF8TL48xMffC3by0Gy9156ThT7K-eXU/viewform>



The image shows a screenshot of a Google Forms questionnaire titled "Questionário sobre Contação de Histórias". The form is set against a decorative background of white flowers with orange centers on a teal background. The form contains three questions:

- 1) "Qual o seu nome? Qual a faixa etária que trabalha?" with a text input field.
- 2) "Conta histórias em sala de aula? Quais recursos utiliza para contá-las?" with a text area.
- 3) "Quais são suas marcações de infância relacionadas à literatura e contação de histórias?" with a text area.

There is an "Edit this form" button in the top right corner and a "Mostrar área de trat" label at the bottom right.

- 1) Conta histórias em sala de aula? Quais recursos utiliza para contá-las ?
- 2) Quais são suas marcações de infância relacionadas à literatura e contação de histórias?
- 3) Houve influência das tecnologias (TV, Rádio, internet, etc) na forma de se contar histórias ao longo de sua vida?

4) As tecnologias tem influenciado o mundo da leitura e da contação de histórias? Como tem influenciado?

5) Acha que as crianças e jovens gostam de ler? Por que? A escola tem cumprido seu papel, de modo geral, em seu ponto de vista?

6) No dia 24 de maio de 2013 o site “O Globo” anunciou a reportagem de que ONG incentiva leitura com distribuição de kindles (aparelho que armazena livros digitais).

O que acha desse novo modelo de leitura? Você acredita que esse novo modelo de leitura fará com que o prazer pela leitura aumente? Segue link da reportagem: <http://oglobo.globo.com/tecnologia/ong-incentiva-leitura-com-distribuicao-de-kindles8199722#ixzz2XvxC1yTL>

7) Como as práticas pedagógicas poderiam ser melhoradas para que o prazer pela leitura aumente, do seu ponto de vista?

3.4 . Proposta de descrição e análise de dados

As descrições e análise de dados foram feitas por núcleos de significação, de acordo com Vianna (2009), para analisar os resultados dos questionários é preciso classifica-los por categorias por semelhança, contradição ou complementação.

Para ser feito isso, é preciso vasculhar rigorosamente o texto, lê-lo atentamente várias vezes, relacionando as temáticas e os discursos semelhantes, os contraditórios ou os que se complementam, organizando-os em categorias que comportam a junção inicial dos principais aspectos encontrados. Após esse processo, são feitas outras leituras, reorganizando os dados, passando por um processo de aglutinação dos pré-indicadores (ou categorias). Esses pré-indicadores são agrupados e formados os indicadores.

Após todo esse processo, dentro de cada grupo de indicadores, é feita outra articulação e por fim a identificação de títulos para criar os núcleos de significação. Esse processo faz com que a organização viabilize uma análise

mais detalhada, saindo de apenas uma descrição, para avançar para a interpretação, de acordo com Vianna (2009).

Ao todo foram criados quatro núcleos de significação e foram aglutinadas as ideias do grupo de professores e de contadores de histórias. Os quatro núcleos de significação que foram definidos são: contação de histórias e recursos; memórias da infância e afetividade; tecnologias nas leituras e contações de histórias; práticas pedagógicas e formação de leitores

Mantivemos as respostas na íntegra, conforme os registros das depoentes. Todos os registros podem ser encontrados no anexo 1.

4. Descrição e análise dos resultados

Como já foi explicitado no capítulo anterior, foram feitos questionários para dois grupos de sujeitos: professoras de escola básica e contadores de histórias. Após recolher todos os dados, precisávamos separá-los e classificá-los, por isso utilizamos a construção de núcleos de significação: a) contação de histórias e recursos, b) memórias da infância e afetividade, c) tecnologias nas leituras e contações de histórias e d) práticas pedagógicas e formação de leitores. Abaixo apresentaremos e analisaremos os dados que compõem cada um deles.

a. Contação de histórias e recursos

De acordo com Coelho (1989), *“Como toda arte, a de contar histórias também possui segredos e técnicas.”* (p. 9). Aqui analisaremos como as professoras de educação infantil e as contadoras de histórias utilizam essa arte. Desta forma, citaremos alguns recursos básicos apresentados pelos sujeitos para se contar histórias.

As professoras disseram utilizar para essa atividade recursos como: os próprios livros, flashcards⁴, fantoches, músicas, tecidos, aventais de histórias, desenho, massinhas, entre outros. Segundo Coelho, (1989) *“A história é que sugere o melhor recurso de apresentação, sugere também as interferências feitas por quem a conta”* (p. 11). Assim, é preciso ter ideia de que existem inúmeros recursos para se contar histórias, porém deve-se analisar a história e perceber qual se encaixará melhor com ela. Como Vygotsky (2009) indica, a imaginação é *“função necessário para o sujeito”*, pois por menores que sejam as criações que o sujeito fará futuramente, essas dependem proporcionalmente de suas experiências e vivências que são base para a imaginação.

⁴ Flashcards são figuras dos personagens ou objetos que são utilizadas para a contação de histórias. Geralmente colados em palitos que se transformam em “fantoches”.

Esses momentos de contações de histórias são também muito importantes para a formação do leitor; por isso, o contador de histórias deve utilizar as melhores formas para incentivar o prazer das crianças e com isso fará com que o futuro leitor perceba a importância de criar a autonomia para buscar suas próprias leituras. As mediações são essenciais na formação dos futuros leitores. Como apontado no capítulo 1: “É através da mediação do outro, do signo, das interações sociais, que o homem constitui-se como sujeito, desenvolve-se e produz cultura.” (VYGOTSKY, 1994, apud GROTTA, 2000, p. 17).

Nesses momentos, é muito importante o uso da oralidade e expressões, pois são essas que dão a emoção das histórias. Assim, não adianta ter milhares de recursos se a oralidade e as expressões do narrador não forem adequados à história e à faixa etária. Como diz uma das entrevistadas (CH – 4, Anexo 1): “*É assim que a imaginação é estimulada mais pela oralidade do que outros recursos muito sofisticados*”. A história só ganha a emoção necessária quando utilizamos dos nossos próprios recursos orgânicos como entonação e voz, expressões faciais e corporais.

É muito importante conhecer o público que vamos lidar, conhecer a faixa etária, a formação cultural, a realidade socioeconômica, para “*estar em sintonia com o público*” (CH – 2, Anexo 1).

Percebemos nos depoimentos das contadoras de histórias sua preparação para o momento da contação de histórias e a importância e o valor que elas dão para essa atividade, pois a maioria salientou que elabora roteiros, desde os recursos que utilizarão, até as palavras que caberão naquela história. Cada uma possui referências do que buscar, de acordo com seu perfil e claro levando sempre em conta o público em questão. Como exemplo disso, CH - 2 destaca: “Pois contar histórias é um ato de doação, revelamos muito daquilo que somos enquanto contamos histórias. Nossa cultura, costumes, conhecimento de mundo, vivências, experiências, etc..., estão juntas e fazem parte da complexidade humana e do ato de narrar”

Todos nós somos potenciais contadores de histórias. A vida está sempre pautada em contar histórias, sejam elas reais ou não. Esses momentos

(profissionais, informais ou pedagógicos) são de partilhar; momentos que podemos trocar vivências, como diz uma das entrevistadas (CH - 2, Anexo 1)

“Contar histórias é um ato de doação revelamos muito daquilo que somos enquanto contamos histórias. Nossa cultura, costumes, conhecimento de mundo, vivências, experiências, etc..., estão juntas e fazem parte da complexidade humana e do ato de narrar histórias”.

Essas trocas são extremamente importantes, pois remetem às vivências que ficam registradas em nossas memórias. Ao analisarmos as respostas dos depoentes, percebemos como esses momentos de sentar e ouvir, revelam grande sensibilidade dos envolvidos e têm um papel central na formação do leitor e que desenvolvem a imaginação e a criação na infância (Vygotsky, 2009) como desenvolvido no capítulo 1. Neste sentido, como salienta uma das entrevistadas (CH 2 – Anexo 1)

“a grande maioria ainda se encanta com as narrativas pois as histórias por si só muitas vezes, revelam segredos que vão ao encontro de questões que a própria criança se reconhece nela, e nessa catarse ela identifica-se com uma ou outra história e é nesse momento que verificamos a interação com as histórias, a curiosidade aguçada através da imaginação.”

b. Memórias da infância e afetividade

É muito interessante analisarmos as memórias dos contadores de histórias e os professores de educação infantil, pois alguns não se lembram de quase nada do que passou em sua infância, outros se lembram de situações muito interessantes e sensíveis. São esses momentos de sensibilidades, relações de afetividade que marcam, certamente, uma boa infância.

Ao analisarmos os dados dos questionários, percebemos que a contação de história é uma atividade totalmente afetiva que aguça a imaginação e as memórias dos pequenos. Percebemos – a partir dos relatos - que essas marcações se dão, na maioria das vezes, em momentos em família. Quase todos os entrevistados tiveram esses momentos realizados por pais,

mães, avós, tios, etc. Esses momentos eram tratados de maneira extremamente afetuosa, como podemos perceber no trecho abaixo:

Não posso deixar de registrar aqui outro momento marcante da minha infância foram os “causos” que meu pai contava, a noite, sentado na varanda da casa da fazenda, sob a luz da lua e o manto estrelado do céu. Ele contava suas aventuras de criança, causo de assombração que eu mais adorava, mesmo tremendo de medo corria para o colo de minha mãe, momentos eternizados em minha memória. (CH – 2, Anexo 1)

Diante do exposto, compreendemos a afetividade de acordo com Wallon (1968, apud, GROTTA, 2000, p. 24) que “engloba tanto as emoções quanto os sentimentos que tem raízes psicológicas e são estados subjetivos mais duradouros e menos orgânicos que as emoções”.

A relação de afetividade e emoção entre os sujeitos são relações de muita importância no processo de formação subjetiva, pois é a emoção ligada à afetividade que se dá o primeiro modelo de comunicação dos sujeitos quando acabam de nascer. (GROTTA, 2000).

Quando perguntávamos o que fez com que esses sujeitos se tornassem contadores de histórias, percebemos que muitos citavam as memórias e os momentos familiares, assim como as influências dos parentes nesse sentido. Em muitos depoimentos, percebemos o quanto essas influências contribuíram para desenvolver essa prática que está estreitamente ligada à formação de um leitor assíduo. Muitos dos pais rememorados gostavam de livros, outros folheavam muitas vezes as enciclopédia de casa, fazendo com que os filhos descobrissem juntos o mundo. Como exemplo temos os trechos a seguir:

“Sou de uma época em que os livros que eram comuns às várias estantes de muitas casas, eram as Enciclopédias, lembro-me que quando criança adorava descobrir o mundo nesses livros, as ilustrações eram fantásticas e nos transportavam para lugares distantes.” (CH – 2, Anexo 1)

Neste contexto, a influência familiar é um aspecto muito importante na formação de leitores, pois como diz Celho, (1989) “O compromisso do narrador é com a história, enquanto fonte de satisfação de necessidades básicas das crianças. Se elas as escutam desde pequeninas, provavelmente gostarão de

livros, vindo a descobrir neles histórias como aquelas que lhes eram contadas.”
(p. 12)

A questão da contação no âmbito familiar é muito presente em muitas respostas como podemos perceber a seguir: “Minha mãe me contava histórias antes de dormir, eu amava!” (PH – 5, Anexo 1); “Minha mãe sempre me contou histórias que eram da sua infância. Tenho alguns dos meus livrinhos até hoje e cada vez que os leio lembro-me da minha infância.” (PH – 4, Anexo 1) “Meu pai sim é um contador de histórias, mas não de histórias de contos de fadas ou lendas. Ele contava as suas próprias aventuras de menino que viveu numa fazenda perto do pantanal, cheio de detalhes como se estivesse vendo tudo naquele momento.” (CH – 4, Anexo 1)

Alguns entrevistados citaram como marcantes seus livros de infância, como “A ilha perdida”; “Menino de Asas”; “O caso da borboleta Atíria”, todos da Coleção Vaga-Lume, da Ed. Ática, “Bruxa Onilda”, “A fada que tinha ideias” (Ed. Ática), etc.

Muitos lembraram de programas de TV e de rádio em que existiam contadores de histórias, como Bambalalão (exibido pela TV Cultura de São Paulo, a partir do final da década de 70 ao início da década de 90) e Ra-tim-bum (também exibido pela TV Cultura, entre os anos de 1989 e 1992). Percebemos que a tecnologia já estava presente e era utilizada, porém não substituíam os momentos mais próximos dos pais de compartilhar suas histórias, ou das professoras fazerem essa atividade. Os entrevistados citaram esses programas de TV, porém não se deram conta de que a tecnologia desde um bom tempo já vem influenciando o meio em que vivemos e diversas práticas tanto educacionais como sociais.

c.Práticas pedagógicas e formação do leitor

Como acabamos de mencionar, as tecnologias sozinhas não formam leitores, nem os livros em si; o que forma leitores é a sustentação das

atividades de leituras, mediadas por elementos culturais. É significar essas práticas fazer com que o sujeito perceba a importância que essa atividade de leitura tem na sociedade, isso é formar o leitor.

O sujeito precisa entender que como diz um dos nossos participantes (CH – 2, Anexo 1) “somos seres que a todo o momento estamos realizando uma leitura, sejam elas, de uma imagem, uma pessoa, pensamentos, de mundo ou de vida. Nesse universo onde podemos ser com todos os nossos sentidos, temos que estar atentos ao que a crianças e jovens querem ler, e como querem ler e por que querem ler”

Muitas vezes a escola faz a leitura ser algo obrigatório e esquece de dar a significado para ela, como aponta o entrevistado “escolas fazem da leitura uma obrigação, tudo vira trabalho de escola e não uma atividade prazerosa. Se tudo virar trabalho perde-se o verdadeiro produto de uma boa leitura que é a de dar significância e fornecer elementos de elaboração para os problemas comuns do sujeito humano.” (CH - 4, Anexo 1). Talvez percebamos em uma das respostas a questão da obrigatoriedade da leitura (CH – 2, Anexo 1) Não é uma obrigação, mas sim uma necessidade humana a busca do conhecimento, de respostas, de curiosidades e principalmente do prazer” O sujeito precisa entender isso, a funcionalidade da leitura.

Esses significados precisam ser desenvolvidos desde a infância, por isso é tão importante os momentos de leitura e contação de história desde os primeiros anos de vida das crianças. Assim, uma das entrevistadas salienta: “no entanto é preciso promover estes momentos desde a primeira infância, para que em longo prazo, tornem-se apreciadores da arte de narrar.” (CH - 2, Anexo 1).

Para tornar tais práticas eficazes é preciso criar parcerias também, entre os governos, as instituições de ensino e as famílias. Quando o processo é quebrado em uma das instituições citadas acima, essa formação do leitor é prejudicada. Como diz um dos entrevistados “De acordo com Bourdieu essa questão pode ser avaliada de acordo com o capital cultural. Crianças que tem a oportunidade de vivências na família, na escola, em relação a leitura, provavelmente, terão maiores afinidades e interesse ao mundo letrado.

Infelizmente, em geral, a escola tem deixado a desejar o incentivo a leitura”. (PH - 6, Anexo 1).

Porém as práticas isoladas tendem a não se sustentar no tempo. Precisam, portanto, de reforços de políticas públicas amplas e bem estruturadas. Assim, os recursos que devemos utilizar são apenas meios para uma educação e não a finalidade para a melhoria dessa.

d.) Tecnologias nas leituras e contações de histórias

As mudanças tecnológicas estão cada vez mais rápidas nos dias de hoje. Essas mudanças estão sendo fixadas em todos os setores de nossa sociedade, em nossas casas, locais de lazer e na escola também. Muitos tem sido os anúncios⁵ de tablets em sala de aula e as reportagens dizendo que determinadas instituições estão trocando os cadernos, lápis e livros pelo tablet.

Porém nos esquecemos de que um objeto será sempre um objeto qualquer, se não for bem aproveitado e se não houver mediações para ser utilizado.

São diversos os pontos de vistas sobre esse assunto, muitos dizem que a tecnologia desumaniza a sociedade e cria uma lacuna entre as pessoas. Mas outros defendem a risca esse novo objeto, como objeto que revolucionará a educação. Essas duas vertentes foram melhor exploradas no capítulo 2.

De acordo com os questionários distribuídos podemos perceber que os contadores de histórias raramente utilizam de recursos digitais ou de ferramentas relacionadas às novas tecnologias para melhorar sua prática; quando utilizam é apenas para fazer uma busca de histórias, ou recursos que poderiam utilizar. Como na seguinte resposta da questão:

⁵ <http://tecnologia.terra.com.br/eletronicos/intel-lanca-no-brasil-tablet-com-android-para-uso-em-sala-de-aula,1e04b7ee2dc32410VgnVCM3000009af154d0RCRD.html> Acesso em 12 de novembro de 2013.

<http://noticias.r7.com/educacao/noticias/criancas-de-dois-anos-usam-tablets-durante-as-aulas-20131030.html> Acesso em 12 de novembro de 2013.

“Houve influência das tecnologias (TV, Rádio, internet, etc) na forma de se contar histórias ao longo de sua vida?” “Principalmente da internet, pois com pesquisas é possível descobrir novas formas de contar histórias. Mas não uso com frequência esse recurso.” (PH – 1, Anexo 1)

Por outro lado, muitos disseram que a tecnologia fez parte de sua infância, pois ouviram muitas histórias em programas de televisão, como apontado.

O que se destaca é que, dos onze entrevistados, cinco concebem que as novas tecnologias não trazem relações e sentimentos como uma contação de histórias ao vivo. Os entrevistados também dizem que com a tecnologia presente em peso no mundo atualmente os livros tem sofrido uma exclusão. Porém Chartier (2007) diz que "Além de auxiliar no aprendizado, a tecnologia faz circular os textos de forma intensa, aberta e universal e, acredito, vai criar um novo tipo de obra literária ou histórica. Dispomos hoje de três formas de produção, transcrição e transmissão de texto: a mão, impressa e eletrônica - e elas coexistem."

Quatro dos participantes acreditam que a tecnologia é uma concorrente das leituras, que o tempo gasto com jogos, filmes, chats, distancia as atividades de leitura, diminui interesse por livros, exclui a compra de livros.

Porém quando o leitor é formado com muita influência e incentivo ele percebe a importância da leitura para a sociedade e o poder que ela tem para quem lê. Já formando o indivíduo como leitor. Como diz Coelho (1989) sobre o neto dela “Prefere os livros a qualquer outro brinquedo.” (p. 12)

Considerações finais

Ao começar a escrever esse trabalho resgatei de minha infância diversos momentos marcantes ligados à atividade de leitura e contações de histórias. Percebemos que a importância desses momentos está nas relações pessoais, nas mediações.

São essas mediações que dão significado às histórias, aos momentos e aos sentimentos. Isso forma leitores. Essas relações marcadas por sensações que significam as atividades de leitura.

O sujeito precisa entender qual é a função social da escrita desde a infância. Precisa entender que a leitura e a escrita nos dá poder dentro de nossa sociedade. Desde cedo quando o bebê nasce ele adentra ao mundo que é permeado por leitura e escrita. Por isso é tão importante essa atividade social.

É preciso que o indivíduo entenda essa função humana. Apesar de entendermos essa importância, quando aparecem novas práticas de leitura, encaramos com preconceitos. Porém devemos extinguir essas ideias e procurar conhecer todos os meios possíveis de leitura, pois eles são apenas meios de leitura, mas não são capazes por si só de formar leitores.

Referências Bibliográficas

ANDRE, Marli E. D. A. (Marli Elisa Dalmazo Afonso de). **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. Brasília, DF: Liber Livro, 2005.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari Knop. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução a teoria e aos metodos. Porto: Porto Ed., [1994].

BOSCO, Zelma Regina; PEROTTINO, Silvana (colab.). **Narrar, desenhar, brincar...fazendo a diferença na educação infantil**. Campinas, SP: UNICAMP/IEL/CEFIEL, 2008.

BOUGEOIS, Paulette. *Franflin vai à escola*. São Paulo, SP : Melhoramentos, 1995.

CHARTIER, Roger; LEBRUN, Jean. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador : conversações com Jean Lebrun. São Paulo, SP: Editora da UNESP, c1999.

CHIMENTI, Maria Carolina Coelho; LINS, Heloísa Andreia de Matos (orient.). **Contribuições das novas tecnologias para o ensino-aprendizagem de inglês nos anos iniciais do ensino fundamental**. Campinas, SP: [s.n.], 2012. 1 CD-ROM. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=000896798>>. Acesso em: 15 nov 2013.

COELHO, Betty. **Contar historias**: uma arte sem idade. 2. ed. São Paulo, SP: Ática, 1989.

ENDE, Michael. **A historia sem fim**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1997.

FAZOLI, Andrise Baierfuss/ LEMES, Adriana. *Leitura e poder*. Disponível em: <http://guaiba.ulbra.br/seminario/eventos/2005/artigos/letras/43.pdf> Acesso em: 15 nov. 2013.

FREIRE, Paulo. **A importancia do ato de ler**: em tres artigos que se completam. 49. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2008.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. 4. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1998.

GOULART, Cecilia. *Letramento e novas tecnologias: questões para a prática pedagógica*. In COSCARELLI, Carla Viana (org). *Letramento digital*. Belo Horizonte, M.G. : Autêntica, 2004.

GROTTA, Ellen Cristina Baptistella. **Processo de formação do leitor**: relato e análise de quatro historias de vida. 2000. 268p Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000223697>>. Acesso em: 15 nov 2013.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. Retratos da leitura no Brasil. 3. São Paulo: Instituto Pró-Livro. 2012.

Leitura e desenvolvimento da linguagem. Coautoria de Ana Luiza Bustamante Smolka. Porto Alegre, RS: Mercado Aberto, 1989.

LUDWIG, Fabiana. **Os e-books infantis em análise**. 2010. 139f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-graduação em Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Santa Catarina, 2010. Disponível em: http://www.tede.udesc.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2649. Acesso em: 15 de novembro de 2013.

MACHADO, Ana Maria. **Ilhas do tempo**: algumas leituras. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2004.

REAL, Taciana Saciloto; FARIA, Ana Lúcia Goulart de (orient.). **Onde estão as borboletas**: contar histórias na pré-escola e a imaginação das crianças. Campinas, [SP: [s.n.], 2004. 98f. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=000310612>>. Acesso em: 15 nov 2013.

RIBEIRO, Ana Elisa. Ler na tela – letramento e novos suportes de leitura e escrita. In: COSCARELLI, Carla Viana(org). Letramento digital. Belo Horizonte, M.G. : Autêntica, 2005.

SANTOS, Marina Charaba; STRAZZACAPPA HERNANDEZ, Marcia Maria (orient.). **Nas asas da imaginação**: a arte de contar histórias, o imaginário e a criatividade infantil. Campinas, SP: [s.n.], 2007. 68 f. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=36747>>. Acesso em: 15 nov 2013.

THOMPSON, Paul Richard, 1935-. **A voz do passado**: história oral. 3. ed. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2002.

VIGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**: (texto integral, traduzido do russo pensamento e linguagem). Tradução de Paulo Cesar Bezerra. 2. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2009.

VIGOTSKY, L. S. **Imaginação e criação na infância**: ensaio psicológico : livro para professores. Apresentação de Ana Luiza Bustamante Smolka; Tradução de Zoia Prestes. São Paulo, SP: Ática, 2009.

Anexo 1

Segue abaixo todas as respostas dos questionários que foram copiados na íntegra. A identidade de cada participante foi preservada. Os questionários foram divididos em dois grupos denominados: CH – Contadores de histórias e PH – Professores contadores de histórias.

CH – Contadores de histórias

CH - 1

1) Como você se tornou contador (a) de histórias? Faz parte de algum grupo? Qual?

Sempre gostei de contar histórias, desde pequena reunia os amigos pra contar histórias de medo ou inventar novas histórias no prédio em que morava. Conforme fui crescendo só transferi o que já amava fazer, pra minha profissão. Me formei em artes cênicas, ministrei aulas de teatro para crianças (onde a história estava sempre presente) e tenho minha companhia Conto em Cantos.

2) Quais são suas marcações de infância relacionadas à literatura e contação de histórias?

Meu avô sempre contava história pra mim na hora de dormir.

3) Houve influência das tecnologias (TV, Rádio, internet, etc) na forma de se contar histórias ao longo de sua vida?

Não que seja relevante.

4) Quais são seus principais critérios para se compor uma narração? Como se dá a escolha das histórias?

Adoro ler e ouvir contos e histórias. Escolho contar as histórias que de alguma forma mexem comigo. As vezes tenho que escolher uma história de algum tema específico, mas na pesquisa sempre encontro uma história que quero de fato contar.

Para apresentar uma história, geralmente, faço o seguinte roteiro: leio diversas vezes, divido em cena, faço uma síntese, escreve imagens, sons, cores, cheiros, objetos e circulo o que acho essencial. Depois começo a trabalhar a interpretação da ação e da palavra.

Porém, já aconteceu de me identificar tanto com uma história que li apenas uma vez e já saí contando, parecia que a história já estava pronta dentro de mim.

5) Qual a influência que o público exerce nesse trabalho?

Sem ouvinte não há troca e sem troca não há história.

6) Notam mudança no público infantil e em seus desejos em relação às histórias? O que mudou? Por que e como mudou?

Nada mudou, as histórias sempre foram bem vindas em todas as idades e em todas as épocas. O que mudou foi a falta delas. contar historia não é somente o fato de transmitir um enredo, mas também um momento de compartilhar algo maior, de troca, de escuta, de olho no olho, de calor, de relação, coisas que nenhuma tecnologia proporciona verdadeiramente.

Observação: Essa participante respondeu metade do questionário e não enviou as outras perguntas.

CH - 2

1) Como você se tornou contador (a) de histórias? Faz parte de algum grupo? Qual?

A prática de contar histórias é inerente ao ser humano, nessa perspectiva podemos dizer que todos nós somos contadores de histórias. Porém se tornar um contador de histórias profissional na contemporaneidade exige um estudo profundo dessa prática milenar, e foi trilhando este caminho, desde a minha atuação enquanto atriz durante algumas décadas que utilizando a linguagem teatral já contava as histórias de forma representativa, em seguida iniciei a minha profissionalização na Arte de Contar Histórias frequentando cursos relacionados a área buscando aprimoramento da minha profissão, e a aproximadamente dez anos dedico-me exclusivamente a pesquisa desta arte. Sou uma apreciadora de todas as manifestações artísticas, por sermos seres multiculturais a profissão de contadora de histórias nos possibilita entre outras artes, a dialogarmos com culturas diferentes e compartilhar conhecimentos.

2) Quais são suas marcações de infância relacionadas à literatura e contação de histórias?

Sou de uma época em que os livros que eram comuns às várias estantes de muitas casas, eram as Enciclopédias, lembro-me que quando criança adorava descobrir o mundo nesses livros, as ilustrações eram fantásticas e nos transportavam para lugares distantes. Revistas de HQ também nos aguçavam a curiosidade em momento lúdicos de leitura. Depois, na escola foi nos apresentado a coleção 'Vaga Lume', confesso que li todos, mesmo sendo por obrigação, pois não tínhamos escolha, porém gostei de alguns livros que ainda recordo-me como: "A Ilha Perdida"; "Menino de Asas"; "O Caso da Borboleta Atíria"; "Sozinha no Mundo"; "Éramos Seis"; "Escaravelho do Diabo"; entre outros. Mas um livro que marcou a minha adolescência foi "A Marca de Uma Lágrima" de Pedro Bandeira, publicado em 1985-Ed. Moderna, foram tantas as leituras que seriam necessárias várias laudas para registrá-las. Não posso deixar de registrar aqui outro momento marcante da minha infância foram os 'causos' que meu pai contava, a noite, sentado a varanda da casa da fazenda,

sob a luz da lua e o manto estrelado do céu. Ele contava suas aventuras de criança, caso de assombração que eu mais adorava, mesmo tremendo de medo corria para o colo de minha mãe, momentos eternizados em minha memória. Mas não posso afirmar que estes fatos influenciaram a minha formação de contadora de histórias, acredito que seja um conjunto de acontecimentos que contribuíram para meu encantamento pelas histórias do mundo.

3) Houve influência das tecnologias (TC, Rádio, Internet, etc) na forma de se contar histórias ao longo de sua vida?

Penso que já respondi esta questão anterior, no entanto, posso pontuar aqui um programa de TV que eu amava assistir, que era o “Sítio do Pica Pau Amarelo”, outros fatores podem ter contribuído para minha formação de contadora de histórias. Pois contar histórias é um ato de doação, revelamos muito daquilo que somos enquanto contamos histórias. Nossa cultura, costumes, conhecimento de mundo, vivências, experiências, etc..., estão juntas e fazem parte da complexidade humana e do ato de narrar histórias.

4) *Quais são seus principais critérios para se compor uma narração? Como se dá a escolha das histórias?*

Muitas leituras infinitas vezes, uma busca incessante, um olhar aguçado e um coração pulsante por novas histórias, uma mente aberta para compreender todos os sentidos que uma história possa nos revelar, os ouvidos atentos a tudo àquilo que as histórias muitas vezes não nos revelam facilmente, ou seja, todos os sentidos aguçados tanto para ler como para ouvir histórias. Não temos uma receita exata, mas podemos assim dizer que as histórias nos escolhem. Às vezes tudo depende do momento, do lugar e do estado de espírito que o leitor ou o ouvinte se encontra. Com o tempo, aperfeiçoamos os nossos critérios e o encontro com as palavras se dá quase que de forma orgânica, um encontro dialógico com as histórias, sons, imagens e memória.

5) *Qual a influência que o público exerce nesse trabalho?*

Todas as influências possíveis, as internas e as externas. Contar histórias é estar em sintonia com o público, com o espaço, com os recursos utilizados e consigo mesmo, cada história se atualiza no momento em que está sendo contada e o público também conta e reconta o mesmo conto narrado. Há histórias que funcionam muito bem com todos os públicos, e outras somente com determinado público, porém a forma de se contar também influencia nesse diálogo de aproximação do público.

6) *Notam mudança no público infantil e em seus desejos em relação às histórias? O que mudou? Por que e como mudou?*

As mudanças podem-se notar no comportamento de determinados públicos infantis que não possuem o hábito de escutar uma boa história bem contada, acredito que a grande maioria ainda se encante com as narrativas, pois as

histórias por si só, muitas vezes revelam segredos que vão ao encontro de questões que a própria criança se reconhece nela, e nessa catarse ela identifica-se com uma ou outra história e é nesse momento que verificamos a interação com as histórias, a curiosidade aguçada através da imaginação, é nesse momento que convidando o público infantil a viajar entre a ficção e a realidade, lugar este que podemos brincar de fazer de conta, um lugar imediatamente reconhecido pelo público infantil. No entanto é preciso promover estes momentos desde a primeira infância, para que em longo prazo, tornem-se apreciadores da arte de narrar.

7) As tecnologias tem influenciado o mundo da leitura e da contação de histórias? Como tem influenciado?

As influências das tecnologias são inevitáveis, mas nem por isso, elas podem ser consideradas ameaças ao mundo da leitura e da contação de histórias. São apenas avanços e novas formas de leitura e até mesmo das narrativas orais virtuais. Mas nada substitui o material físico que é o livro e a presença humana de um contador de histórias. O manuseio, o cheiro, o contato com o livro, são ações de pertencimento ao universo literário. O encontro com um contador de histórias nos permite dialogar, nos sentimos acolhidos pelo outro, o contato visual afaga de forma afetuosa e até mesmo brincante de uma narrativa oral. Ao descobrir e estarmos cientes desses aspectos imediatamente compreenderemos que as formas tecnológicas não são menos necessárias, mas sim diferentes.

8) Acha que as crianças e jovens gostam de ler? Por que? A escola tem cumprido seu papel, de modo geral, em seu ponto de vista?

Quando se pergunta se crianças e jovens gostam de ler, podemos completar, do que gostam de ler. Somos seres que a todo o momento estamos realizando uma leitura, sejam elas, de uma imagem, uma pessoa, pensamentos, de mundo ou de vida. Nesse universo onde podemos ler com todos os nossos sentidos, temos que estar atentos ao que as crianças e jovens querem ler, e como querem ler e por que querem ler. Não é uma obrigação e sim uma necessidade humana, a busca do conhecimento, de respostas, de curiosidades e principalmente do prazer. Não quero aqui generalizar, mas a anos percebo, que a escola sim vem trabalhando para contribuir com as ações de incentivo a leitura da literatura, porém se perdem em ações poucos eficazes, projetos que muitas vezes ficam no papel, ou que não possuem uma continuidade, entre outros fatores que dificultam os avanços nesse aspecto.

9) Como as práticas pedagógicas nesse sentido poderiam ser melhoradas, do seu ponto de vista?

Várias práticas são bem sucedidas, outras equivocadas e outras inacabadas. Nessa trajetória de desacertos e acertos muito tem sido feito para amenizar o quadro que se apresenta, no entanto muito ainda tem que se fazer. São um conjunto de ações, entre, secretarias, governos, instituições escolares, família

e profissionais da educação. Diante desse panorama percebemos a complexidade até se chegar ao desenvolvimento de uma prática pedagógica, que se feita isoladamente não alcançaremos um resultado significativo. Apostamos na formação continuada, onde revemos conceitos, criamos novas estratégias e ampliamos o nosso campo de visão diante das questões que envolvem as práticas pedagógicas. Acredito que teremos que estar sempre disponíveis ao diálogo e em busca de novas possibilidades, caso contrário estaremos fadados a repetir erros do passado ou ficarmos estagnados em práticas ultrapassadas.

10) No dia 24 de maio de 2013 o site “O Globo” anunciou a reportagem de que ONG incentiva leitura com distribuição de kindles (aparelho que armazena livros digitais). O que acha desse novo modelo de leitura? Você acredita que esse novo modelo de leitura fará com que o prazer pela leitura aumente?

Vou ser bem direta nessa resposta. A tecnologia sempre é bem vinda, não somos avessas a ela, porém a forma de utilizá-la, de apropriar-se dela de maneira lucrativa, com justificativas oportunistas, é sem dúvida um assunto para ficarmos atentos. Quais são os reais benefícios que a tecnologia pode proporcionar ou não? Até que ponto a tecnologia se faz necessária? Quais as políticas de interesses por traz destas ações? Entre estas e outras questões aconselho analisarmos bem mais a fundo cada caso.

CH – 3

1) Como você se tornou contador (a) de histórias? Faz parte de algum grupo? Qual?

Eu tive uma avó (materna) que me contava história desde pequena. Hoje tenho certeza que a minha vocação vem desta matriz. Montei um grupo: Parangolé de Prosa que atuou durante 4 anos e agora trabalho sozinha.

2) Quais são suas marcações de infância relacionadas à literatura e contação de histórias?

A vovó Sinhana (materna) foi a minha referência infantil.

3) Houve influência das tecnologias (TV, Rádio, internet, etc) na forma de se contar histórias ao longo de sua vida?

O rádio era uma forma de comunicação muito avançada na época que eu era criança. Ouvia histórias às 18 horas no rádio, quando criança também.

4) Quais são seus principais critérios para se compor uma narração? Com o se dá a escolha das histórias?

Algumas histórias são mais "ricas" em detalhes e significados. Hoje constato que são as histórias que me escolhem. Quando leio um texto que me emociona, incluo no repertório.

5) Qual a influência que o público exerce nesse trabalho?

Antes de escolher o repertório a ser contado, considero o público que vai ouvir. Escolho a história de acordo com a característica do público.

6) Notam mudança no público infantil e em seus desejos em relação às histórias?

As crianças participam de uma forma muito mágica em relação às histórias. Não o questionam situações que racionalmente nos intrigam.

7) O que mudou? Por que e como mudou?

A mudança é personalizada. Cada criança responde a o que lhe diz respeito.

8) As tecnologias tem influenciado o mundo da leitura e da contação de histórias? Como tem influenciado?

As tecnologias fazem parte deste nosso mundo contemporâneo mas, a contação de histórias ao vivo agradam todos os públicos.

9) Acha que as crianças e jovens gostam de ler? Por que? A escola tem cumprido seu papel, de modo geral, em seu ponto de vista?

O hábito de ler tem que ser conquistado. Quando uma pessoa (criança ou adulto) descobre o significado e valor da leitura, vislumbra um novo e vasto universo maravilhoso que preserva para toda a vida.

11) Como as práticas pedagógicas nesse sentido poderiam ser melhoradas, do seu ponto de vista?

Reservando um espaço diário para a leitura e contação de histórias.

11) No dia 24 de maio de 2013 o site "O Globo" anunciou a reportagem de que ONG incentiva leitura com distribuição de kindles (aparelho que armazena livros digitais). O que acha desse novo modelo de leitura? Você acredita que esse novo modelo de leitura fará com que o prazer pela leitura aumente?

Para as novas gerações estes aparelhos são um atrativo que não podemos ignorar. Eu e a maioria de minha geração prefere ler no papel, em livros, mas qualquer maneira de ler é importante e aprovo todos os mecanismos que auxiliam esta prática.

CH - 4

1) Como você se tornou contador (a) de histórias?

Quando eu decidi que seria contadora de histórias, a primeira coisa que pensei foi contar histórias para as crianças internadas aqui do HC onde eu trabalho. E deu certo porque acabei entrando para uma ONG e pude me realizar como contadora voluntária. Depois com o tempo vieram os primeiros trabalhos profissionais e o reconhecimento pelo meu trabalho.

2) Quais são suas marcações de infância relacionadas à literatura e contação de histórias?

Bem, quando criança em vários trabalhos escolares eu utilizava as histórias e dramatizava como um personagem, principalmente as fábulas e contos de fadas. Nas férias eu pegava um livro e reunia a turma da rua e transformava em teatrinho para depois apresentar para os pais e amigos. Não tive assim uma mãe ou avó que contasse histórias, mas minha mãe me influenciou muito porque ela dizia que amava livros e histórias e ela me ensinou muitas canções populares de infância como "Terezinha de Jesus", cantigas de roda etc. Meu pai sim é um contador de histórias, mas não de histórias de contos de fadas ou lendas. Ele contava as suas próprias aventuras de menino que viveu numa fazenda perto do pantanal, cheio de detalhes como se estivesse vendo tudo naquele momento. Mas lá na minha infância, eu nem sabia que existia contador de história. Mas depois eu conheci um programa de TV o Bambalalão que tinha o João Acaiabe, a Silvana, e a Gigi que contavam histórias e eu ficava hipnotizada neste momento. Tinha também o Ratimum, coisa boa pra criança, mas eu nem era tão criança e adorava. (não sei se respondi esta questão)

3) Houve influência das tecnologias (TV, Rádio, internet, etc) na forma de se contar histórias ao longo de sua vida?

Sim, meu maior ídolo é João Acaiabe. Ele não precisa fazer teatro pra contar uma história. Ele conta história até com os olhos. Ele é ótimo. A Silvana era também especial pq utilizava objetos simples para contar uma história e eu uso dessa técnica para várias histórias. É assim que a imaginação é estimulada mais pela oralidade do que outros recursos muito sofisticados.

4) Quais são seus principais critérios para se compor uma narração? Como se dá a escolha das histórias?

Uma boa narração como toda história precisa ter um inicio mais ou menos calmo onde uma desarmonia deve se instalar. Esse enredo vai prender o ouvinte até que essa desarmonia seja solucionada. É por isso que sempre tem

a bruxa, o lobo mau, o mistério, enigmas, madrastas e desafios para que um personagem supere e chegue a final feliz da história, dando aquela sensação que o melhor foi feito para se atingir a harmonia tão desejada. Quanto a escolha tenho vários critérios, o mais importante é que a história seja rica em metáforas, que fale da realidade sem ser real. Faixa etária e tema também são critérios de escolha. Quando a criança é muito menor (1 à 4 anos) uso muito música e livros com ilustração. A narrativa oral mais longa só deve ser aplicada para um grupo maior de 05 anos, pois temos que pensar na capacidade de concentração das crianças.

5) Qual a influência que o público exerce nesse trabalho?

Desde a seleção das histórias conforme faixa etária e gêneros com no momento da narração a energia do público também altera a forma de narrar. Essa interação entre público e narrador é uma via de mão dupla sempre.

6) Notam mudança no público infantil e em seus desejos em relação às histórias? O que mudou? Por que e como mudou?

O que eu percebo é que as crianças ainda preferem aquelas histórias que possuem um drama bem definido entre o bem e o mal. Um monstro e uma animal dócil, uma princesa e uma bruxa malvada, mocinhos e bandidos, fantasmas, assombrações ainda são um sucesso entre as crianças. Mas vejo que poesia também são muito apreciadas pelas crianças, assim como as histórias em forma de prosa com rimas despertam a atenção. Então não sei se mudou muito, acho que no fundo o cenário das histórias podem ter mudado para se atualizarem, mas os conflitos, os dramas são os humanos mesmo de sempre, e não há quem resista a um bom herói e um pouco de magia.

7) As tecnologias tem influenciado o mundo da leitura e da contação de histórias? Como tem influenciado?

Sim, não há como negar. Ainda temos leitores que aprenderam a gostar de ler e de ouvir histórias e por isso mesmo não deixarão de sentir esse prazer sempre que for possível. A tecnologia é concorrente sim das atividades de leitura principalmente. O tempo que a criança tem acesso à tecnologia e gasta com jogos, filmes e chats faz com que haja um distanciamento das atividades de leitura, mas quando uma criança destas entra em contato com uma contação de histórias ou uma mediação de leitura, despertam interesses, é visível a fascinação das crianças no meu trabalho. Esse trabalho de aproximação a tecnologia não oferece.

8) Acha que as crianças e jovens gostam de ler? Por que? A escola tem cumprido seu papel, de modo geral, em seu ponto de vista?

Acho que as escolas, a fim de cumprirem suas metas curriculares, fazem da leitura uma obrigação e não uma atividade prazerosa. Se tudo o que o aluno ler virar trabalho de escola, perde-se o verdadeiro produto de uma boa leitura que é a de dar significância e fornecer elementos de elaboração para os problemas comuns do sujeito humano.

9) Como as práticas pedagógicas nesse sentido poderiam ser melhoradas, do seu ponto de vista?

Não sou professora, mas creio que inserir momentos lúdicos de contação de histórias e mediação de leitura com profissionais especializados nisso, seria de grande importância. Sou contra a obrigatoriedade do professor fazer esse tipo de trabalho, por que alguns professores não tem um perfil e nem técnica para desenvolver esse trabalho. Há projetos que conheço em cidades do interior que treinam professores exclusivamente para esse trabalho. Na Índia tem um projeto que tornou a narrativa de histórias obrigatória para tratar de disciplinas transversais. Mas não misturam o professor com narrador, pois são coisas diferentes. Acho que isso faz a diferença para um despertar do prazer da leitura e escutar histórias.

10) No dia 24 de maio de 2013 o site “O Globo” anunciou a reportagem de que ONG incentiva leitura com distribuição de kindles (aparelho que armazena livros digitais). O que acha desse novo modelo de leitura? Você acredita que esse novo modelo de leitura fará com que o hábito de leitura aumente?

Não sei, não tenho idéia como essas crianças apreciam essas leituras, ainda não pesquisei sobre o assunto. Sem dúvida é mais barato oferecer um aparelho com centenas de livros digitais, mas acredito que só isso não resolve o problema. Quando trabalho um livro, a primeira coisa que faço é tirar aquela pressa comum da criança de folheá-lo rapidamente... é preciso ir chamando a atenção da criança para os detalhes desde a capa, da ilustrações, da forma como foi escrito, do autor e da vida dele, pois tudo tem um grande significado. Para mim a coisa digital remete a pressa e ao superficial. Então, em primeiro lugar, dar oportunidade da criança extrair o máximo de uma leitura para depois ir para o digital... Além disso aprender a ler é criar condições para o imaginário, onde se processa o simbólico com a realidade.

PH – Professores contadores de histórias

PH - 1

1) Conta histórias em sala de aula? Quais recursos utiliza para contá-las ?

Sim.

Livros

Flash cards

2) Quais são suas marcações de infância relacionadas à literatura e contação de histórias?

Poucas recordações. Acredito que não contava-se muitas histórias.

3) Houve influência das tecnologias (TV, Rádio, internet, etc) na forma de se contar histórias ao longo de sua vida?

Principalmente da internet, pois com pesquisas é possível descobrir novas formas de contar histórias. Mas não uso com frequência esse recurso.

4) As tecnologias tem influenciado o mundo da leitura e da contação de histórias? Como tem influenciado?

Acredito que tem diminuído o interesse das crianças por livros. As tecnologias mostram-se mais atrativas a elas

5) Acha que as crianças e jovens gostam de ler? Por que? A escola tem cumprido seu papel, de modo geral, em seu ponto de vista?

Depende do estímulo que recebem principalmente da família. Se os pais permitem que os filhos usem seu tempo com tecnologia, eles acabam se distanciando de livros, perdendo o interesse por este material. Porém se a família tem o hábito da leitura, de frequentar bibliotecas ou livrarias, os filhos tendem a se interessar por esse "mundo literário". A escola cumpre seu papel, mas como disse acredito que a família precisa trabalhar em parceria.

6) No dia 24 de maio de 2013 o site “O Globo” anunciou a reportagem de que ONG incentiva leitura com distribuição de kindles (aparelho que armazena livros digitais). O que acha desse novo modelo de leitura? Você acredita que esse novo modelo de leitura fará com que o prazer pela leitura aumente? Segue link da reportagem: <http://oglobo.globo.com/tecnologia/ong-incentiva-leitura-com-distribuicao-de-kindles8199722#ixzz2XvxC1yTL>

Devido ao aumento da tecnologia, pode ser que esse recurso traga estímulos à leitura, porém nada substitui a mágica dos livros.

7) Como as práticas pedagógicas poderiam ser melhoradas para que o prazer pela leitura aumente, do seu ponto de vista?

Primeiramente os professores precisam conhecer bem as histórias que irão contar e os livros que indicarão. Falar com precisão sobre eles, para que crie curiosidade em seus alunos. Acredito que é preciso sempre levar novas leituras, conhecimento sobre os autores.

Levar livros que os alunos se identificarão, e que os fará imaginar, sorrir, sonhar.

PH - 2

1) Conta histórias em sala de aula? Quais recursos utiliza para contá-las ?

Sim.

Utilizo a leitura com entonação. Algumas vezes conto histórias com dedoches e/ou fantoches, utilizando objetos ou me caracterizando como algum personagem.

2) Quais são suas marcações de infância relacionadas à literatura e contação de histórias?

Tenho lembranças das histórias diárias que a professora da pré-escola lia. Lembro principalmente dos livros da Bruxa Onilda. Tenho também uma lembrança boa dos primeiros livros que li sozinha, como "O alegre sapateiro Zé dos Bichos" e "A fada que tinha ideias".

3) Houve influência das tecnologias (TV, Rádio, internet, etc) na forma de se contar histórias ao longo de sua vida?

Sim. Principalmente da televisão durante a minha infância e mais recentemente da Internet também.

4) As tecnologias tem influenciado o mundo da leitura e da contação de histórias? Como tem influenciado?

Sim.

Acho que tem influenciado positivamente em alguns aspectos

5) Acha que as crianças e jovens gostam de ler? Por que? A escola tem cumprido seu papel, de modo geral, em seu ponto de vista?

Acredito que crianças e jovens gostam de ler. Talvez não gostem de ler tudo o que lhes é proposto (e até mesmo imposto, algumas vezes). Mas, acredito que tenham seus gostos próprios e suas preferências.

De modo geral acho que a escola precisa se reinventar diante dessas novas possibilidades de acesso que surgem com as tecnologias; precisa utilizar isso a favor da formação das crianças e jovens. Apesar disso, penso que a escola precisa, essencialmente, refletir sobre qual é o seu papel afinal. Vejo que isso

está se perdendo cada vez mais em meio a tudo o que temos vivido nos últimos tempos.

6) No dia 24 de maio de 2013 o site “O Globo” anunciou a reportagem de que ONG incentiva leitura com distribuição de kindles (aparelho que armazena livros digitais).

O que acha desse novo modelo de leitura? Você acredita que esse novo modelo de leitura fará com que o prazer pela leitura aumente? Segue link da reportagem: <http://oglobo.globo.com/tecnologia/ong-incentiva-leitura-com-distribuicao-de-kindles8199722#ixzz2XvxC1yTL>

Acho que não adianta se opor aos novos modelos de leitura. Quando penso neles, penso sempre que preciso aprender mais sobre e procurar saber, pois possivelmente é o que teremos muito em breve.

Não acredito que isso faça com que o prazer pela leitura aumente. Acho que isso é algo que se "adquire", se assim posso dizer, gradativamente. Talvez esse novo modelo possa ajudar a aumentar o acesso a leitura e literatura, mas não acho que aumentará o prazer pela leitura.

6) Como as práticas pedagógicas poderiam ser melhoradas para que o prazer pela leitura aumente, do seu ponto de vista?

Utilizar meios diversos de contação de histórias, apropriar-se das novas tecnologias, mostrar possibilidades diversas, buscar coisas/temas dos quais as crianças/adolescentes gostem e relacioná-las a literatura. Acho que são apenas algumas práticas pedagógicas que podem ser utilizadas.

Para tudo isso, penso que é essencial que o professor tenha um bom repertório enquanto leitor.

PH - 3

1) Conta histórias em sala de aula? Quais recursos utiliza para contá-las ?

Sim. Utilizo fantoches, músicas, tecidos, instrumentos musicais, flanelógrafo, livros de pano.

2) Quais são suas marcações de infância relacionadas à literatura e contação de histórias?

Meu pai sempre me contava histórias com moral antes de dormir e algumas eu me lembro até hoje. Em um programa de tv, que via quando criança, havia uma mulher que contava histórias utilizando objetos comuns do dia a dia, como garfos, grampeadores, etc. Sempre achei a ideia ótima, muito criativa e que instigava minha imaginação.

3) Houve influência das tecnologias (TV, Rádio, internet, etc) na forma de se contar histórias ao longo de sua vida?

Sim. A forma tem evoluído e acrescida de recursos e ideias novas e criativas.

4) As tecnologias tem influenciado o mundo da leitura e da contação de histórias? Como tem influenciado?

Sim. Hoje as crianças desde pequenas estão expostas a muitas tecnologias, o que é bom por um lado, mas por outro, tira a magia da leitura dos livros, pois muitas vezes preferem ver vídeos, games e outras coisas na internet e na televisão.

5) Acha que as crianças e jovens gostam de ler? Por que? A escola tem cumprido seu papel, de modo geral, em seu ponto de vista?

Acredito que o gosto pela leitura tem diminuído muito ao longo dos anos, justamente pelo aumento das facilidades tecnológicas. A escola precisa se esforçar muito mais, atualmente, para ensinar o gosto pela leitura, para que as crianças desejem ler e tenham prazer ao fazê-lo.

6) No dia 24 de maio de 2013 o site “O Globo” anunciou a reportagem de que ONG incentiva leitura com distribuição de kindles (aparelho que armazena livros digitais).

O que acha desse novo modelo de leitura? Você acredita que esse novo modelo de leitura fará com que o prazer pela leitura aumente? Segue link da reportagem: <http://oglobo.globo.com/tecnologia/ong-incentiva-leitura-com-distribuicao-de-kindles8199722#ixzz2XvxC1yTL>

Talvez sim. Seria uma alternativa, já que grande parte do nosso tempo estamos à frente de um computador, desde crianças até adultos.

7) Como as práticas pedagógicas poderiam ser melhoradas para que o prazer pela leitura aumente, do seu ponto de vista?

Criando projetos de leitura que exijam criatividade para a apresentação do conteúdo do livro, Não somente um resumo escrito em folha de almaço como feito tradicionalmente. Não fazendo somente uma leitura mas, contextualizando a leitura com a atualidade ou com sua realidade, fazendo pesquisas relacionadas, contando a história de forma lúdica e diferenciada, utilizando-se de ferramentas novas e criativas, interdisciplinando com outras áreas...

PH - 4

1) Conta histórias em sala de aula? Quais recursos utiliza para contá-las ?

Sim, praticamente todos os dias. Utilizo livros de histórias, fantoches, avental com personagens e objetos variados.

2) Quais são suas marcações de infância relacionadas à literatura e contação de histórias?

Tive poucos livros, pois o acesso era muito difícil, mas lia e relia várias vezes a mesma história. Na escola que iniciei aos sete anos, tinha apenas o livro didático com as histórias da lição da semana. Minha mãe sempre me contou histórias que eram da sua infância. Tenho alguns dos meus livrinhos até hoje e cada vez que os leio lembro-me da minha infância .

3) Houve influência das tecnologias (TV, Rádio, internet, etc) na forma de se contar

histórias ao longo de sua vida?

Na minha infância, conheci muitas histórias tradicionais e contos de fada pelos desenhos animados da TV, que eram lindos para mim e muito marcantes. Tive também alguns disquinhos de vinil com histórias infantis.

4) As tecnologias tem influenciado o mundo da leitura e da contação de histórias? Como tem influenciado?

Com certeza as tecnologias tem influenciado demais através dos recursos que hoje nos é oferecido como os DVDs, a Internet, o Projetor de multimídia.

5) Acha que as crianças e jovens gostam de ler? Por que? A escola tem cumprido seu papel, de modo geral, em seu ponto de vista?

Acho que as crianças gostam do visual dos livros, mas o gosto pela leitura tem sido cada vez mais difícil de se desenvolver nas crianças pois exige domínio da leitura, atenção, concentração, paciência e hoje as tecnologias oferecem o contrário, ou seja, muitas atrações visuais, rapidez e várias informações ao mesmo tempo. A escola tem tentado introduzir novos métodos e recursos, porém as mudanças na educação brasileira ocorrem de forma muito lenta por falta de visão e investimentos e isso desmotiva alunos e professores.

6) No dia 24 de maio de 2013 o site “O Globo” anunciou a reportagem de que ONG incentiva leitura com distribuição de kindles (aparelho que armazena livros digitais).

O que acha desse novo modelo de leitura? Você acredita que esse novo modelo de leitura fará com que o prazer pela leitura aumente? Segue link da reportagem: <http://oglobo.globo.com/tecnologia/ong-incentiva-leitura-com-distribuicao-de-kindles8199722#ixzz2XvxC1yTL>

Acredito que sim, pois essa é a "geração digital" e com certeza deve ser introduzida aos alunos nas escolas com urgência.

7) Como as práticas pedagógicas poderiam ser melhoradas para que o prazer pela leitura aumente, do seu ponto de vista?

Através de contação de histórias desde a educação infantil com todos os recursos possíveis, reconto feito pelas crianças e o acesso à grande variedade de livros que hoje temos disponíveis no mercado. Essa prática deve ser uma das prioridades na educação, realizado diariamente em sala de aula. Também um trabalho com os pais de incentivo em casa de leitura e contação de histórias.

PH - 5

1) Conta histórias em sala de aula? Quais recursos utiliza para contá-las ?

Sim. Roda, Max câmera

2) Quais são suas marcações de infância relacionadas à literatura e contação de histórias?

Minha mãe me contava histórias antes de dormir, eu amava! Eu ganhei livros da minha professora de português, isso era um grande incentivo!

3) Houve influência das tecnologias (TV, Rádio, internet, etc) na forma de se contar histórias ao longo de sua vida?

Não.

4) As tecnologias tem influenciado o mundo da leitura e da contação de histórias? Como tem influenciado?

Creio que sim. Muitas vezes a criança tem preferido ver um filme ao invés de antes ler o livro deste filme.

5) Acha que as crianças e jovens gostam de ler? Por que? A escola tem cumprido seu papel, de modo geral, em seu ponto de vista?

Penso que muito não, porque isso tem se perdido muito atualmente, o videogame e a tv tem tirada muito a atenção desse público. Algumas escolas sim, mas grande parte delas, acredito que não tem cumprido seu papel.

6) No dia 24 de maio de 2013 o site “O Globo” anunciou a reportagem de que ONG incentiva leitura com distribuição de kindles (aparelho que armazena livros digitais).

O que acha desse novo modelo de leitura? Você acredita que esse novo modelo de leitura fará com que o prazer pela leitura aumente? Segue link da reportagem: <http://oglobo.globo.com/tecnologia/ong-incentiva-leitura-com-distribuicao-de-kindles8199722#ixzz2XvxC1yTL>

Acho muito interessante, temos que atualizar as formas de acordo com o nosso público e com as mudanças que este está sofrendo. Com relação ao aumento do prazer da leitura, acho que isso é relativo, mas pode ocorrer.

7) Como as práticas pedagógicas poderiam ser melhoradas para que o prazer pela leitura aumente, do seu ponto de vista?

Deve haver projetos de leitura nas escolas. Além disso, as famílias também precisam ser parceiras nessa prática.

PH - 6

1) Conta histórias em sala de aula? Quais recursos utiliza para contá-las ?

Livros, flash cards, CD + livro, fantoches, dramatizações, desenho, massinha, música

2) Quais são suas marcações de infância relacionadas à literatura e contação de histórias?

Afinidade as áreas da música, teatro, etc.
Acesso a livros infantis.
Participação ativa em dramatizações e apresentações musicais desde a infância.

3) Houve influência das tecnologias (TV, Rádio, internet, etc) na forma de se contar histórias ao longo de sua vida?

Com a facilidade do acesso a internet houve a possibilidade de conhecer outras maneiras de contração de história, além de materiais e novas historias.

4) As tecnologias tem influenciado o mundo da leitura e da contação de histórias? Como tem influenciado?

Os livros no tablet tem, em partes, excluído a compra de livros. A prática da leitura é comprovada por pesquisas que não é comum entre os brasileiros, quanto mais com a aparição de recursos tecnológicos.

5) Acha que as crianças e jovens gostam de ler? Por que? A escola tem cumprido seu papel, de modo geral, em seu ponto de vista?

De acordo com o conceito de Bourdieu, essa questão pode ser avaliada de acordo com o capital cultural. Crianças que tem a oportunidade de vivências na família, na escola, em relação a leitura, provavelmente, terão maiores afinidades e interesse ao mundo letrado. Infelizmente, em geral, a escola tem deixado a desejar o incentivo a leitura. Ou então, banalizado o espaço para a leitura, como por exemplo, o uso inadequado da biblioteca, etc.

6) No dia 24 de maio de 2013 o site “O Globo” anunciou a reportagem de que ONG incentiva leitura com distribuição de kindles (aparelho que armazena livros digitais).

O que acha desse novo modelo de leitura? Você acredita que esse novo modelo de leitura fará com que o prazer pela leitura aumente? Segue link da reportagem: <http://oglobo.globo.com/tecnologia/ong-incentiva-leitura-com-distribuicao-de-kindles8199722#ixzz2XvxC1yTL>

Sim, é possível que esse instrumento traga um incentivo a leitura, desperte o interesse das crianças.

7) Como as práticas pedagógicas poderiam ser melhoradas para que o prazer pela leitura aumente, do seu ponto de vista?

Tornar a leitura mais próxima do cotidiano da criança, valorizando os assuntos de interesse das crianças. E principalmente, demonstrando, por parte de quem propõe o interesse e encantamento pela leitura.

1) Conta histórias em sala de aula? Quais recursos utiliza para contá-las ?

Conto e o recurso mais utilizado é o livro.

2) Quais são suas marcações de infância relacionadas à literatura e contação de histórias?

Minha maior lembrança em relação à história é de eu fazer, individualmente, a leitura de livros que eu tinha em casa, lendo-os inúmeras vezes, e fazendo o empréstimo na biblioteca da escola esporadicamente, pois ir a este espaço era algo raro, uma vez que o mesmo encontrava-se fechado com cadeado e sem alguém para organizá-lo. Não tenho nenhuma lembrança de alguém contando histórias para mim.

3) Houve influência das tecnologias (TV, Rádio, internet, etc) na forma de se contar histórias ao longo de sua vida?

A influência das tecnologias foi a TV, através do programa "Rá-tim-bum" da TV Cultura nas décadas de 80/90, em que havia um momento em que eram contadas histórias de diversas formas, utilizando diferentes recursos. Quando iniciava o quadro dizendo "Senta que lá vem a história..." eu ficava muito feliz. Às vezes me recordo de algumas estratégias e tento inseri-las na minha prática quando estou contando histórias.

4) As tecnologias tem influenciado o mundo da leitura e da contação de histórias? Como tem influenciado?

Sim. Tem influenciado através de recursos como computadores, tabletes e celulares. As crianças têm autonomia para procurar por recursos que possam contar as histórias para elas. São livros digitais, em que a própria criança pode virar as páginas num único toque e ouvir a gravação da leitura do texto.

5) Acha que as crianças e jovens gostam de ler? Por que? A escola tem cumprido seu papel, de modo geral, em seu ponto de vista?

Depende do contexto social e das oportunidades que as crianças e jovens têm para gostarem de ler. Um meio que oferece o exemplo de um adulto leitor e

que possibilita o acesso aos livros, favorecerá o gostar de ler dos alunos. A escola tem buscado incentivar o aluno a gostar de ler, mas é necessário que este trabalho também seja desenvolvido no ambiente familiar, o que muitas vezes não acontece.

6) No dia 24 de maio de 2013 o site “O Globo” anunciou a reportagem de que ONG incentiva leitura com distribuição de kindles (aparelho que armazena livros digitais).

O que acha desse novo modelo de leitura? Você acredita que esse novo modelo de leitura fará com que o prazer pela leitura aumente? Segue link da reportagem: <http://oglobo.globo.com/tecnologia/ong-incentiva-leitura-com-distribuicao-de-kindles8199722#ixzz2XvxC1yTL>

Eu acredito que o livro, apresentado em seu modelo tradicional (papel), é aquele que realmente desperta o prazer da leitura. Acho interessante esses novos meios como mais um recurso para se contar histórias (nesse caso, os kindles), mas jamais substituirão a satisfação em ler no bom e velho livro.

7) Como as práticas pedagógicas poderiam ser melhoradas para que o prazer pela leitura aumente, do seu ponto de vista?

Acredito que elas poderiam usar mais da fantasia e do lúdico, fazendo uso de diferentes materiais e estratégias para que a criança e os jovens disubrem-se com o contar da histórias, este que será permeado de novidades a cada nova contação. E, acima de tudo, os professores precisam sempre fazer menção que essas histórias que tanto gostam vieram dos livros e que são autores que a escreveram.

Anexo 2

Este anexo configura-se como um pequeno recorte do panorama virtual acerca dos meios tecnológicos para maximizar os momentos de leitura e contação de histórias, levantado como parte das atividades propostas pelo presente trabalho. Deste modo, seguem links da internet com vídeos de contadores de histórias, artigos sobre tecnologia e leitura, livros virtuais e outros temas relacionados à área:

- Contadores de histórias online

Contador de Histórias Infantis – Kidleitura Disponível em:

<http://www.youtube.com/watch?v=DfKgo6YNfG0> Acesso em: 20 de novembro de 2013.

Contador de histórias

Disponível em: <http://www.contadordehistorias.com.br/horadehistorias/> Acesso em 20 de novembro de 2013.

- Vídeos de contações de histórias

Contação de Histórias com César Obeid- "O Barbante e a Rima" Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=V5ceFyANa_8 Acesso em: 20 de novembro de 2013.

Contação de história - O Vestido Azul - Fundação Educar DPaschoal

Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=D368BPqCpLk> Acesso em: 20 de novembro de 2013.

Contação de História: "Maria Angula" Disponível em:

<http://www.youtube.com/watch?v=PcGNTB5G6Zc> Acesso em: 20 de novembro de 2013.

Macaquinho sai daí - Bia Bedran - Contação de História Disponível em:

<http://www.youtube.com/watch?v=9NrOMDp1FSU> Acesso em: 20 de novembro de 2013.

Contações de histórias programa de TV: Rá-tim-bum (TV Cultura)

Disponível em:

http://www.youtube.com/results?search_query=conta%C3%A7%C3%A3o+de+historias+r%C3%A1+tim+bum&sm=3 Acesso em: 20 de novembro de 2013.

- Literatura Virtual

A Biblioteca Virtual de Literatura Disponível em: <http://www.biblio.com.br/> Acesso em 30 de novembro de 2013.

Biblioteca de Literatura de Língua Portuguesa Disponível em: <http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/> Acesso em: 30 de novembro de 2013.

Biblioteca de Livros digitais Disponível em: <http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/bibliotecadigital/> Acesso em: 30 de novembro de 2013.

Portal Domínio Público Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.jsp> Acesso em 30 de novembro de 2013.

- Leitura de livros infantis no Youtube

Menina bonita do laço de fita Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=ZF5AUmpbgt8> Acesso em 30 de novembro de 2013.

A casa sonolenta. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=UOQNEagg_fa Acesso em 30 de novembro de 2013.

O homem que amava caixas. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=UJ1tnReCF74> Acesso em 30 de novembro de 2013.

- Site de organizações de contadores de histórias

Casa do contador de histórias Disponível em:
<http://www.casadocontadordehistorias.org.br/site/> Acesso em 30 de novembro de 2013.

Associação Griots. Disponível em: <http://projects.conpec.com.br/griots/> Acesso em 30 de novembro de 2013.

Os tapetes contadores de histórias. Disponível em:
<http://tapetescontadores.com.br/> Acesso em 30 de novembro de 2013.

- Artigos

Livro de Monteiro Lobato é a primeira publicação interativa do iPad no Brasil. Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2010/08/livro-de-monteiro-lobato-e-primeira-publicacao-interativa-do-ipad-no-brasil.html> Acesso em: 30 de novembro de 2013.

Discovery Kid lança livro interativo para Ipad. Disponível em:
<http://macworldbrasil.uol.com.br/noticias/2013/01/22/discovery-kids-lanca-livro-infantil-interativo-para-ipad/> Acesso em 30 de novembro de 2013.
Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folhinha/1218277-livro-interativo-do-discovery-kids-chega-ao-ipad.shtml> Acesso em 30 de novembro de 2013.

Pais ausentes já podem contar histórias infantis à distância. Disponível em:
<http://uoltecnologia.blogosfera.uol.com.br/2011/03/24/com-aplicativo-para-ipad-pais-ausentes-ja-podem-contar-historias-infantis-a-distancia/> Acesso em 30 de novembro de 2013.